



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

FRANCINE RAQUEL SILVA QUEIROZ

**UM QUILOMBO ESPIRITUAL:
ESTÉTICA, RITMOS E SINCRETISMO NO CARIRI PARAIBANO**

SUMÉ - PB

2024

FRANCINE RAQUEL SILVA QUEIROZ

**UM QUILOMBO ESPIRITUAL:
ESTÉTICA, RITMOS E SINCRETISMO NO CARIRI PARAIBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza

SUMÉ - PB

2024



Q3q Queiroz, Francine Raquel Silva.
Um quilombo espiritual: estética, ritmos e sincretismo no Cariri Paraibano. / Francine Raquel Silva Queiroz. - 2024.

69f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Umbanda. 2. Sincretismo religioso. 3. Cariri Paraibano - religiões afro-brasileiras. 4. Religiões afro-indígenas - Paraíba. 5. Etnografia. 6. Candomblé. 7. Terreiro Senhor do Bonfim - Sumé - PB. I. Souza, Wallace Gomes Ferreira de. II Título.

CDU: 259.4(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

FRANCINE RAQUEL SILVA QUEIROZ

**UM QUILOMBO ESPIRITUAL:
ESTÉTICA, RITMOS E SINCRETISMO NO CARIRI PARAIBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG

Professora Dr. Luan dos Santos Gomes de Oliveira.
Examinador I – UACIS/CDSA/UFCG

Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Examinador II – UACIS/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 17 de outubro de 2024.

SUMÉ - PB

“Em meio às tempestades da vida, sou do axé e encontro a força para seguir em frente, firmando minha fé”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a a prosseguir durante os obstáculos enfrentados ao longo do curso, sem o seu cuidado e misericórdia, eu não teria prosseguido e chegado até aqui.

Toda gratidão aos meus pais Francisco de Assis Alves de Queiroz e Maria do Socorro Silva Queiroz, vocês foram o meu alicerce durante minha trajetória acadêmica e todo apoio e amor de ambos, foram cruciais para que eu acreditasse que era capaz.

Agradeço a minha irmã Francilia de Fátima Silva Queiroz, seu apoio foi de grande importância para o meu crescimento no âmbito acadêmico.

Minha gratidão a minha amiga Janaína Feitosa Silva, por ouvir meus desabafos, me aconselhar e me lembrar do quanto sou forte.

A Joane Aldo de Freitas (*in memoriam*) gratidão por todo apoio, incentivo e por ser ombro amigo nos momentos que precisei. Sua atenção, palavras e amor tornaram minha jornada acadêmica mais fácil.

Ao meu orientador Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza, que com muita paciência e sabedoria me orientou durante a construção desse trabalho e me inspirou a oferecer o meu melhor em forma de texto, ao senhor, toda a minha gratidão.

A todos os meus professores que contribuíram para o meu crescimento enquanto pessoa e futura docente, e a minha turma 2019.1 que me acompanhou ao longo de todos esses anos e juntos, enfrentamos os desafios proporcionados pela vida universitária, o meu muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre Um quilombo espiritual: Estética, ritmos e sincretismo no cariri paraibano com o objetivo de apresentar as características da religião Umbanda, sua doutrina e o caminho histórico percorrido por ela até ser de fato enxergada como uma religião. A pesquisa foi realizada por meio de uma pesquisa de campo, permitindo uma compreensão aprofundada. Os resultados principais indicam que ainda existe pouco conhecimento acerca da religião Umbanda, o que contribui para o crescimento da intolerância religiosa e do preconceito. As conclusões sugerem a importância de trabalhos que apresentam a história e doutrina das religiões afro-brasileiras, contribuindo para a visibilidade dessas religiões e o combate contra a intolerância.

Palavras-chave: Umbanda; Sincretismo; Intolerância religiosa; Paraíba.

ABSTRACT

This work presents an analysis of A spiritual quilombo: Aesthetics, rhythms and syncretism in the cariri of Paraíba with the objective of presenting the characteristics of the Umbanda religion, its doctrine and the historical path taken by it until it is actually seen as a religion. The research was carried out through a field survey, allowing for an in-depth understanding. The main results indicate that there is still little knowledge about the Umbanda religion, which contributes to the growth of religious intolerance and prejudice. The conclusions suggest the importance of works that present the history and doctrine of Afro-Brazilian religions, contributing to the visibility of these religions and the fight against intolerance.

Keywords: Umbanda; Syncretism; Religious intolerance; Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A HISTÓRIA DA RELIGIÃO UMBANDA NO BRASIL.....	12
2.1	A chegada da Umbanda na Paraíba.....	23
2.2	Carta Magna da Umbanda.....	25
3	AS RELIGIÕES AFRO-INDÍGENAS-BRASILEIRAS NA PARAÍBA, UMA PEQUENA HISTÓRIA.....	30
3.1	Os passos da Umbanda na Paraíba.....	32
3.2	As religiões Afro-indígena e suas divindades.....	39
4	BREVE HISTÓRICO DA ETNOGRAFIA.....	46
4.1	Umbanda e Candomblé.....	47
4.2	Um gira na Umbanda: a pesquisa de campo e os dados etnográficos.....	54
4.3	Terreiro Senhor do Bonfim.....	56
4.4	Roça de Dandalunda.....	59
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
6	REFERÊNCIAS.....	67
	APÊNDICES.....	70

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um país laico, no qual a liberdade religiosa é um direito de todo indivíduo, assim como a liberdade de expressão e os demais direitos que a lei garante ao ser humano. Porém o Brasil é um país marcado pelos efeitos da colonização, e isso é visível em vários aspectos, como no racismo e na intolerância religiosa que existe e em sua maioria está atrelada as religiões de matriz africana.

Segundo a revista *Veja*, em 2012, de acordo com o IBGE, 86,8% da população brasileira era cristã, um número alto que mostra uma base pautada nos ensinamentos coloniais, tendo em vista que o cristianismo não é uma religião brasileira. Esses números revelam mais que um dado que apresenta a religião mais seguida do nosso país, apresenta também ainda que de forma velada a intolerância e a demonização que as religiões afro-brasileiras são vistas no Brasil, tendo em vista que o cristianismo interpreta de forma equivocada a doutrina dessas religiões, e, repassam para seus fiéis uma visão preconceituosa e obscura sobre o que é pregado em religiões de matriz africana.

É preciso frisar que a intolerância religiosa se torna maior em cidades pequenas do interior, tendo em vista a tradição e cultura dos indivíduos que cresceram no cristianismo e foram ensinados desde sempre que religiões como a Umbanda e o Candomblé adoram ao diabo e realizam trabalhos para prejudicar outras pessoas. É por esse motivo que é necessário que pesquisas sejam realizadas e os órgãos públicos promovam eventos, onde os representantes das religiões afro-brasileiras apresentem e preguem a essência de suas crenças, com o intuito de desmistificar a associação do diabo com essas religiões.

Diante disso esse trabalho visa apresentar as características da religião Umbanda e sua doutrina verdadeira, mostrando o seu percurso histórico e a luta enfrentada por nomes importantes na difusão da Umbanda pelo Brasil e em especial na Paraíba. Para isso será realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo realizada em dois terreiros pertencentes à cidade de Sumé no cariri paraibano, que consistirá em uma entrevista com um pai e uma mãe-de-santo.

O objetivo desse trabalho é apresentar as características da religião Umbanda e sua doutrina verdadeira, visibilizando a Umbanda em uma cidade do interior da Paraíba e apresentar o que de fato essa religião prega, com o intuito de possibilitar uma visão que lute contra o preconceito e a intolerância que existe contra essa religião.

Para a realização desse trabalho os estudos de Oliveira (2003), Lima (2011), o Evangelho da Umbanda (1954), Carneiro (1977) e demais pesquisadores, foram de total relevância para a construção dessa pesquisa e para o meu crescimento acerca do assunto abordado.

Diante do conhecimento acerca das religiões afro-brasileiras em disciplinas ao longo do curso, conhecendo a necessidade de lutar contra a intolerância e o preconceito, surgiu o interesse em pesquisar e conhecer a fundo a religião Umbanda e sua doutrina. Tendo em vista que vivemos em um país laico perante a lei, é necessário que na prática as religiões de matriz africana, possam ser livres para que seus adeptos exerçam a sua crença e não sejam vistos com maus olhos por pessoas que passaram a vida inteira sendo ensinadas que religiões como a Umbanda são voltadas para o mal e para o diabo. Essa quebra no pensamento preconceituoso só poderá acontecer através do conhecimento, e por esse motivo, pesquisas que apresentam a história dessas religiões e dão voz para seus líderes, são de grande importância para o processo de visibilização e no combate contra a intolerância religiosa.

2 A HISTÓRIA DA RELIGIÃO UMBANDA NO BRASIL

Segundo Oliveira (2008, p.79) “A diferença mais marcante da Umbanda é a disponibilidade para aceitar a todos, vivos e mortos, do jeito que são. Nela há espaço para incorporação e a convivência das mais diversas heranças étnicas e culturais”. A Umbanda é uma religião brasileira fundada no século XX, mais precisamente no ano de 1908, no dia 15 de novembro, na cidade do Rio de Janeiro. Essa religião surgiu a partir de fundamentos das religiões católica, candomblé e espiritismo, porém possui sua própria definição e crença. Segundo Prandi (2004, p.223): “Chamada de a “religião brasileira por excelência”, a umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço.”

Relatos afirmam que tudo começou com um homem chamado Zélio Fernandinho de Moraes, considerado o fundador da Umbanda, que teria sido incorporado pelo Caboclo das sete Encruzilhadas e assim teria tido a ajuda dele para fundar essa religião. Zélio tinha 17 anos e convivia com uma paralisia que de forma estranha teria sumido, sendo atribuída essa cura, a um espírito. Um dia após esse episódio convidaram o jovem para uma sessão mediúnica e a partir disso de maneira inesperada, Zélio teria recebido o espírito do Caboclo e assim, iniciado a religião Umbanda. Essa religião seria um espaço para receber mensagens de espíritos de negros escravizados e de índios, mas sem sofrerem preconceito, como acontecia com as sessões espíritas.

Zélio Fernandino de Moraes, um rapaz de 17 que se preparava para ingressar na Marinha, em 1908 começou a ter aquilo que a família, residente em Neves, no Rio de Janeiro, considerava ataques. Os supostos ataques colocavam o rapaz na postura de um velho, que parecia ter vivido em outra época e dizia coisas incompreensíveis para os familiares; noutros momentos, Zélio parecia uma espécie de felino que demonstrava conhecer bem a natureza. Após minucioso exame, o médico da família aconselhou que ele fosse atendido por um padre, uma vez que considerava o rapaz possuído. Um familiar achou melhor leva-lo a um centro espírita, o que realmente aconteceu: no dia 15 de novembro Zélio foi convidado a tomar assento à mesa da sessão da Federação Espírita de Niterói, presidida à época por José de Souza (Barbosa Jr, 2016, p. 19).

Um ponto importante a ser ressaltado, é que durante os cultos aqueles que coordenavam o ritual não permitiam a manifestação de espíritos de negros e índios, pois os consideravam espiritualmente atrasados e não podiam estar ali, por isso quando acontecia a manifestação deles nos médiuns, eles exigiam que se retirassem. Com o início do culto, Zélio começou a ser incorporado e afirmava que era um índio brasileiro que tinha como nome Caboclo das Sete Encruzilhadas. Ele enfatizava que sua missão era dar voz a espíritos de índios e negros para que repassassem seus conhecimentos e fundassem a religião Umbanda.

Tomado por força alheia à sua vontade e infringindo o regulamento que proibia qualquer membro de ausentar-se da mesa, Zélio levantou-se e declarou: “Aqui está faltando uma flor”. Deixou a sala, foi até o jardim e voltou com uma flor, que colocou no centro da mesa, o que provocou alvoroço. Na sequência dos trabalhos,

manifestaram-se nos médiuns espíritos apresentando-se como negros escravos e índios. O diretor dos trabalhos, então, alertou os espíritos sobre seu atraso espiritual, como se pensava comumente à época, e convidou-os a se retirarem. Novamente uma força tomou Zélio e advertiu: “Por que repelem a presença desses espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens? Será por causa de suas origens sociais e da cor?”. Durante o debate que se seguiu, procurou-se doutrinar o espírito, que demonstrava argumentação segura e sobriedade. Um médium vidente, então, lhe perguntou: “Por que o irmão fala nestes termos, pretendendo que a direção aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram, quando encarnados, são claramente atrasados? Por que fala deste modo, se estou vendo que me dirijo neste momento a um jesuíta e a sua veste branca reflete uma aura de luz? E qual o seu nome, irmão?”. Ao que o interpelado respondeu: “Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados. O que você vê em mim, são restos de uma existência anterior. Fui padre e o meu nome era Gabriel Maladriga. Acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como caboclo brasileiro”. A respeito da missão que trazia da Espiritualidade, anunciou: “Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa de meu aparelho, às 20 horas, para dar início a um culto em que estes irmãos poderão dar suas mensagens e, assim, cumprir missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados” (Barbosa Jr, 2016, p. 19-20).

Um dia após a primeira incorporação, em sua casa, Zélio incorporou novamente o espírito do Caboclo que informou quais seriam as normas dessa religião e fundou a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade que é o primeiro centro da Umbanda em nosso país. Conforme os anos foram passando a Umbanda foi atraindo fiéis e o Caboclo continuou incorporando em Zélio, com o intuito de preparar médiuns. Com o passar do tempo, foram surgindo outros centros da Umbanda no Rio de Janeiro e depois, a religião foi se espalhando para outros estados do país. Foi em 1930 que o Centro Espírita Antônio Conselheiro (primeiro centro umbanda de São Paulo) foi registrado em cartório e em 1932, em Porto Alegre foi fundado o seu primeiro centro de Umbanda. Em 1939 aconteceu uma reunião com todos os centros da Umbanda que foram fundados através da ordem do Caboclo das Sete Encruzilhadas e essa reunião resultou na Federação Espírita de Umbanda do Brasil que depois foi chamada de União Espiritualista de Umbanda do Brasil.

Por possuir elementos de outras religiões em suas crenças, alguns pesquisadores enxergam a Umbanda como uma espécie de Candomblé, porém, sem a existência de sacrifícios de animais, o que fazia com que ela fosse bem vista por brancos que viviam na zona urbana da época. A Umbanda além da influência de outras religiões já citadas a cima, também recebeu influência indígena e oriental. Da religião espírita os conceitos de evolução e reencarnação passaram a fazer parte da crença umbandista, como também a figura de Jesus, que é o Deus da religião católica, como uma grande referência espiritual para a religião, estando sempre presente

uma imagem que é atribuída a ele, nos altares, terreiros e casas, onde acontece o culto da Umbanda. Da matriz africana foi atribuído o culto aos orixás, do catolicismo, o princípio de caridade e amor ao próximo, dos indígenas elementos dos rituais xamânicos que são conduzidos pelo Pajé com o objetivo de trazer cura e previsão e do hinduísmo, trouxe a crença do carma e reencarnação, que também pertencem ao espiritismo.

De sua raiz indígena a Umbanda recebe o amor à natureza e a influência do xamanismo caboclo e da pajelança, bem como o uso do fumo, que é considerado erva sagrada para os índios. Um culto irmão da Umbanda, o Catimbó, Jurema ou Linha dos Mestres da Jurema, também realiza trabalhos com entidades espirituais de forma muito parecida com esta, sob influência direta do Toré, que é uma prática essencialmente indígena (Cumino, 2015, p. 56).

Tendo em vista que a Umbanda nasceu da mistura cultural dos brasileiros e de sua ancestralidade étnica, Cumino (2015, p. 107) observa que:

Novas religiões nascem da necessidade de atribuir novos significados a antigos símbolos, trazendo valores que possam dar um novo sentido a nossas vidas (...). Dessa forma, a Umbanda renova a interpretação para símbolos diversos, produzindo um novo significado, daí uma nova religião na qual antigos símbolos e novos valores se acomodam, assumindo uma identidade única.

Diante disso podemos observar que a Umbanda surge de uma necessidade de reestruturar crenças já existentes e símbolos já utilizados, porém com um aprimoramento e a inserção de novos fundamentos que tragam maiores benefícios para o ser humano. Como veremos mais a frente à Umbanda tem como alvo central uma vida pautada na caridade e isso inclui ajuda mútua e empatia para com todos os seres humanos independente de sua classe social, cor, raça, condição financeira e credo.

Os caboclos e pretos velhos de umbanda, assim, diferem astronomicamente das entidades africanistas, notadamente pelo interesse absoluto às recompensas sempre ruinosas (...) Por isso mesmo não praticam em umbanda verdadeira qualquer ritual contrário aos princípios elevados a que se destinam, muito menos matança de animais, despachos nas encruzilhadas, feitura de cabeças, etc., para satisfazer interesses mesquinhos e não trabalhar em qualquer lugar senão para fazer o bem e ensinar a todos o caminho da renovação, da renúncia, da paciência e da verdadeira caridade, procurando sempre curar os enfermos do corpo e da alma (EVANGELHO DE UMBANDA 1954, p.49).

A palavra Umbanda tem sua origem no idioma bantu e possui dois significados, o primeiro é “lugar de culto e o segundo “sacerdote”. É uma religião que acredita em um único Deus, ou seja, monoteísta, mas que defende a existência dos orixás, entidades ou guias protetores abaixo de Deus.

Dessa forma é possível compreender a Umbanda como um culto a Deus, através de espíritos que já desencarnaram e dos orixás. A Umbanda possui lugares específicos para a realização de suas celebrações, esses locais recebem o nome de Casa, Terreiro ou Barracão, porém também acontecem cerimônias na natureza, em praias, rios e cachoeiras. Esses cultos são guiados por uma pessoa que recebe o nome de mãe ou pai, que é responsável por comandar o rito e ensinar a doutrina da Umbanda para aqueles que estão iniciando a caminhada nessa religião.

A Umbanda surge como algo novo, um novo modo de cultuar a espíritos desencarnados que já eram cultuados por outras religiões. Como sabemos a Umbanda possui elementos que constituem sua crença, a partir da espiritualidade indígena, africana e europeia, porém o seu maior objetivo é acolher aqueles que são excluídos, passando a funcionar basicamente como um quilombo que abraçava os escravos, os afro-brasileiros e os índios. Na doutrina umbandista os espíritos centrais são os caboclos e os pretos velhos. De acordo com Oliveira (2003, p.20):

O modelo de caboclo idealizado pelo culto de umbanda ('bom e valente') esbarra em certa dose de rejeição por parte dos atuais representantes das classes indígenas. Este termo foi inicialmente para designar índios "mansos" que se submeteram à dominação das elites lusobrasileiras e abdicaram da própria identidade. Transformar um índio e caboclo seria, portanto, um processo que se iniciaria, muitas vezes, pela conversão de uma alma selvagem a fé cristã.

Na Umbanda o culto aos Orixás, na verdade é um culto a criação de Deus, ou seja, a toda a natureza e aos seres que foram criados pelo criador e que possuem a função de o auxiliar no que tange o regimento da Terra. Barbosa Jr (2016, p.58)

Etimologicamente e em tradução livre, Orixá significa "a divindade que habita a cabeça" (em iorubá, "ori" é cabeça, enquanto "xá", rei, divindade), associado comumente ao diversificado panteão africano, trazido à América pelos negros escravos. A Umbanda Esotérica, por sua vez, reconhece no vocábulo Orixá a corruptela de "Purushá", significando "Luz do Senhor" ou "Mensageiro do Senhor".

Na Umbanda não existe um livro sagrado que determine as regras para que se viva de forma correta em sociedade, ou que estabeleça uma hierarquia, e isso abre margem para que existam opiniões diversas acerca da religião, como por exemplo, a maneira como Jesus é visto na Umbanda, para uns ele é o mesmo que Oxalá, para outro ele era apenas um espírito missionário, ou um mero ser humano.

O Natal é uma data simbólica, fixada, que celebra o nascimento de Jesus, sua encarnação. Grosso modo, há os que o veem como o Unigênito, o Salvador, enquanto outros o concebem como um espírito evoluído, o qual, assim como nós, palmilhou as trilhas da evolução até chegar à mestria interior. Para os umbandistas, o Divino Mestre conduz a Linha de Oxalá e, por vezes, confunde-se com esse Orixá (Barbosa Jr, 2016, p. 50).

O culto da Umbanda recebe o nome de “gira” e nele ocorrem orações, canções e as invocações das entidades que incorporam nos médiuns. Quando incorporadas essas entidades comandam os participantes na cerimônia, dando passes e movimentos de dança, sendo usada pelos participantes, vestimenta da cor branca. É no culto que acontece uma aproximação entre o plano físico com o espiritual e os objetivos desse ritual é reafirmar a doutrina, aconselhar, orientar, proporcionar auxílio espiritual e a limpeza junto com o afastamento de espíritos maus que estão trazendo malefícios para a pessoa em questão.

Para os umbandistas os orixás estão em outro plano existencial e são vistos como antigas divindades que chegaram ao Brasil através dos negros escravizados. É importante frisar que os orixás que são cultuados na Umbanda também são venerados na igreja católica, porém com nomes distintos, dentre os principais orixás que são cultuados pelos umbandistas estão: Oxalá, visto como aquele que criou todos os seres humanos, tendo o branco como sua cor e a sabedoria como qualidade, seria o Jesus Cristo que é adorado nas religiões cristãs. Oxóssi seria o mesmo que o santo chamado pela igreja católica de São Sebastião, ele possui a flecha e o arco como símbolo e está relacionado aos animais, matas e plantas. Xangô, ou São Jerônimo como chamam os católicos, é conhecido como o orixá do trovão e da justiça, possuindo como símbolo o machado. Iemanjá, conhecida como rainha do mar, é uma orixá feminina de águas salgadas que possui as cores azul claro e branco como símbolo, sendo chamada por Nossa Senhora pela igreja católica. Ogum, ou guerreiro São Jorge, está relacionado ao trabalho e à luta, tendo uma espada como seu símbolo. Oxum, outro orixá feminino, está relacionada à fertilidade, maternidade, amor e a beleza. Possui o ouro como símbolo e diferente de Iemanjá, essa orixá pertence às águas doces, sendo conhecida também como Nossa Senhora da Conceição pelo catolicismo. Iansã, ou santa Bárbara, é a orixá protetora contra tempestades e raios. Obaluaê, também conhecido como São Lázaro ou São Roque, considerados como os orixás da vida e da morte, da saúde e da doença e dos cemitérios e hospitais, estão relacionados a cura e suas cores são o branco e o preto. E por fim Exu, orixá dono das encruzilhadas, mensageiro e guarda de todas as estradas. Tem como símbolo o bastão de madeira e é conhecido também como Santo Antônio.

Já as entidades são vistas pela Umbanda como os espíritos de ancestrais que já desencarnaram e que através de médiuns podem incorporar em algumas pessoas durante as cerimônias realizadas nos terreiros da Umbanda. Essas entidades estão relacionadas à cura e ao aconselhamento e as mais cultuadas pelos umbandistas são: Pretos velhos, possuidores de muita sabedoria, sendo eles os espíritos de negros que foram escravizados. Caboclos, conselheiros

que estão diretamente relacionados à natureza e são espíritos de indígenas. Baianos, espíritos sinceros bons de conversa e que possuem energia positiva. Zé-Pilintrás, associado à noite e aos bares, representa os marginalizados da sociedade e são vistos como os espíritos malandros. Pombagiras são entidades que protegem as mulheres, representam a liberdade, sedução e força do sexo feminino e não aceitam a submissão ao sexo masculino. E os Marinheiros conhecidos por marujos, relacionados às águas, descarrego e limpeza. Já os Erês são crianças que morreram muito cedo, geralmente entre dois e oito anos, eles simbolizam a inocência, a alegria e gostam de doces, brinquedos e refrigerantes, tendo as cores rosa e azul como seus símbolos.

A religião Umbanda possui alguns fundamentos que são essenciais em sua doutrina, sendo a caridade a principal. É dever dos umbandistas pregar o amor e ajudar ao próximo, pois outro fundamento para a Umbanda é que tudo o que uma pessoa faz de bom ou ruim, volta para ela. Eles não acreditam que o mal exista, enxergam os atos ruins de uma pessoa como consequência dela ainda não ter atingido sua evolução espiritual. Outro ponto importante é que na Umbanda não se acredita em acaso, mas que todas as coisas acontecem por uma razão específica. Além dos fundamentos citados acima, existem sete diretrizes que o umbandista precisa seguir para conseguir uma evolução espiritual mais rápida. São elas: respeito, compaixão, humildade, harmonia, amor, gratidão e servir.

Como citado acima quando se fala sobre o surgimento da Umbanda a história contada é que aconteceu através de Zélio de Moraes e a incorporação do Caboclo das sete encruzilhadas, porém alguns elementos culturais de várias etnias foram fundamentais para que essa religião surgisse.

Cumino (2015, p.121) salienta que:

Para uns, Umbanda era kardecismo-africanizado; para outros, africanismo-embranquecido; no entanto, nem uma nem outra definição de Umbanda é algo novo que nasce neste solo brasileiro. Não é a religião de uma etnia (do negro, branco ou vermelho), mas o fruto do encontro delas produzindo um sentido, que já não se explica mais pela raça e sim pelo apelo que há na sua identificação com este povo brasileiro. Costumava-se caracterizar Umbanda como um sincretismo religioso, no entanto, novos estudos mostram que ela é a síntese do povo brasileiro.

Esse processo acontece em decorrência das religiões afro-brasileiras, principalmente a partir de três momentos que ocasionaram mudanças para elas. O primeiro diz respeito à religião africana que atuava como movimento de resistência sociocultural e se tornou uma nação no sentido de existir uma solidariedade étnica a partir da nação de origem dos negros. A segunda acontece com o fim da escravidão, quando a população negra sofreu uma grande redução dentro das relações sociais. Quando isso aconteceu o candomblé foi à religião responsável por integrar

essa população através de uma solidariedade étnica, na zona rural. E em terceiro lugar com o início da urbanização e industrialização que começou a ocorrer no século XX, na região sudeste do país, proporcionando o aumento de trabalhadores negros e mestiços, se fez necessário uma religião adaptada a zona urbana, surgindo assim a Umbanda, reconstruindo ritos de origem africana e modificando um sistema antigo de valores e controle social.

Se a urbanização, no primeiro momento, afastou o negro das comunidades rurais, no segundo, proporcionou a reorganização dos laços sociais, sob a forma de solidariedade de classe. A industrialização forneceu aos negros novos meios de ganhar a vida e de inserção no proletariado. Assim, o surgimento da Umbanda foi o primeiro sinal da mudança que sobreveio nas classes baixas da sociedade (para atender as exigências operacionais da indústria), pela mistura de raças nas fábricas e pelas novas necessidades nascidas com as transformações da estrutura social (Oliveira, 2008, p. 75).

É importante ressaltar que embora várias religiões tenham influenciado na formação da doutrina umbandista, duas religiões ganham destaque no nascimento da Umbanda, sendo elas a Macumba e o Espiritismo Kardecista. No final do século XX, a macumba era um ritual que realizava a invocação de espíritos e de antepassados. O culto aos orixás ainda não estavam introduzidos dentro dos ritos da macumba, isso ocorreu apenas um tempo depois quando o Candomblé ganhou maior reconhecimento e foi crescendo. É preciso destacar que a introdução dos orixás não tirou a invocação dos ancestrais do foco principal, pois a característica primordial da macumba era cultuar os caboclos, pretos velhos e exu, que são chamados de espíritos familiares. A população negra, mestiça e até brancos buscavam na macumba a invocação dos ancestrais com o intuito de encontrar soluções para seus problemas. Oliveira (2008, p.76) afirma que: Para Édson Carneiro, o termo “macumba” viria de mcumba, que seria a representação gráfica do plural de cumba, significando reunião de jongueiros. “Como o vocábulo é sem dúvida angolense, a sua sílaba inicial talvez corresponda à partícula ba ou ma que, nas línguas do grupo banto, se antepõe aos substantivos para a formação do plural”. Assim, seria lícito especular que o escravo ao ser interpelado pelo senhor respondesse que aquela reunião (ou festa) onde os negros dançavam e cantavam com tanta alegria, se tratava de uma macumba. É possível afirmar que por se tratar de uma religião de origem negra não demorou muito para que a palavra macumba torna-se pejorativa e associada a uma coisa ruim ou má. Cumino (2015, p.151) observa que:

Conforme a palavra macumba vai se tornando pejorativa, passa a ser um problema para os umbandistas que querem separar-se de conceitos negativos em sua religião. Mais uma vez a balança pense, de um lado, para o Espiritismo e, do outro, para a Macumba, que vai ser manipulada a pesar mais para o lado “branco”.

A Macumba é uma religião que antecede a Umbanda, mas que também utilizava elementos advindos do candomblé, catolicismo e tradições indígenas, porém não possuíam um suporte de uma organização que reunisse esses elementos de maneira uniforme. Ortiz (1999, p.37) enfatiza que:

As sessões de cabula chamavam-se mesa, eram secretas, e se praticavam no bosque, onde, sob uma árvore, improvisava-se um altar. Um espírito chamado tata se encarnava nos indivíduos e os dirigia em suas necessidades temporais e espirituais. O chefe de cada mesa chamava-se embanda e era secundado pelo cambone; a reunião dos adeptos formava a engira. O culto da cabula, associado às práticas gege-nagô, deu origem à macumba carioca.

Dessa forma compreendemos que o espiritismo kardecista foi o último grupo a ser inserido na Macumba, sendo o responsável por instituir uma doutrina que possibilitou a legitimação enquanto religião urbana. O encontro das camadas pobres com a classe média, no Rio de Janeiro foi fundamental para o surgimento da Umbanda.

É importante frisar que embora a história do surgimento da Umbanda esteja ligada a Zélio de Moraes e a incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, não se sabe ao certo se de fato essa religião tenha iniciado exatamente da forma como é conhecida até os dias de hoje. É claro que o nome Umbanda só é encontrado em registros a partir de 1910, que coincide com a fundação da casa espiritual através de Zélio. Porém não se encontra nos registros o nome do presidente da Federação Espírita da época, o que dificulta de fato a legitimação da fundação da Umbanda por Zélio. Entretanto essas informações dadas que não batem com a realidade, podem ter sido distorcidas ou perdidas de acordo com a repetição da história através da tradução oral. Oliveira (2008, p.97) reforça que: Qual a relevância de se identificar quem, quando ou como se iniciou o Movimento Umbandista? Acredito que a resposta esteja no valor simbólico atribuído pelos atuais adeptos à manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas na pessoa de Zélio de Moraes. Este simbolismo pode ser avaliado pelo calendário litúrgico da religião, no qual o dia 15 de novembro aparece ao lado das tradicionais datas comemorativas dos Orixás, com direito a realização de sessão festiva cuja finalidade é render homenagens tanto ao Caboclo das Sete Encruzilhadas quanto ao médium. É possível encontrar em alguns terreiros até a fotografia do Zélio ornamentando o congá (...). A manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas não pode ser relativizada, uma vez que para os umbandistas a data tem o mesmo valor simbólico do Natal para os católicos, do Rosh Hashaná para os judeus e da Hégira para os muçulmanos. Dessa forma a discussão acerca da origem da Umbanda é algo relevante para que seus adeptos conheçam a história da religião que seguem e possam repassar as informações para aqueles que

querem conhecer melhor a Umbanda. É preciso enfatizar também que as dúvidas acerca da fundação através de Zélio ocorrem por que todo o destaque em torno do Caboclo das Sete Encruzilhadas e da incorporação em Zélio, dando início assim a Umbanda, só aconteceu depois de 1975, ano que Zélio morreu, isso seria a razão para as informações desconstruídas que existem. Porém ainda que não se saiba ao certo com total veracidade como a Umbanda de fato surgiu, não se pode negar que essa religião com certeza teve início do contato com a doutrina espírita, considerando os fundamentos das concepções espirituais, mas renegando seguimentos da doutrina espírita que defendiam as divisões da sociedade, seja por etnia, cor ou aspectos sociais.

Como vimos existem controvérsias acerca da origem da Umbanda e da data precisa de seu nascimento. Diana Brown (1985, P.10) assegura que:

A historiografia da Umbanda é extremamente imprecisa sobre este aspecto, e, fora deste contexto, a história de Zélio não é amplamente conhecida nem tampouco ganhou uma aceitação geral, particularmente entre os líderes mais jovens. Representando ou não seu relato o momento histórico “real” da fundação da Umbanda⁵⁰, de qualquer maneira ele é extremamente convincente no sentido de dar conta de como a fundação da Umbanda provavelmente ocorreu, combinando a realidade dos primeiros centros efetivos de Umbanda e o pessoal participante.

Diversos pesquisadores acreditam que a Umbanda tenha surgido em 1920, em decorrência de pesquisas que foram realizadas na Tenda Nossa Senhora da Piedade, porém apenas em 1966 foi reconhecida como religião pelo IBGE. Com o processo de industrialização e o crescimento da população na zona urbana que começou a ocorrer a partir da década de 1930, a Umbanda foi ganhando espaço e foi sendo vista como uma doutrina que divergia da macumba carioca e do Kardecismo, pois passou a ter em suas sessões os caboclos e pretos velhos. Como isso pode-se dizer que de certa forma o espiritismo Kardecista reprimia a Umbanda, mas que com esse processo de crescimento da população urbana advinda da zona rural, começou a ganhar destaque e ter uma identidade que a distinguiu das religiões que colaboraram para que a Umbanda existisse.

Com o crescimento da Umbanda, é notável também a crescente perseguição policial contra os cultos afro-brasileiros, ainda que com o fim do padroado e o Brasil passando a ser considerado um país laico, as feitiçarias e o curandeirismo eram práticas proibidas no Brasil. Prandi (1991) afirma que:

Quando a umbanda nascia, a igreja católica lutava pela reiteração da autoridade da hierarquia romanizada, proclamava-se a religião brasileira única, ou única via de diálogo e intermediação entre o “povo” e o Estado da ditadura de Vargas. Nunca tendo aceitado o espiritismo kardecista, cuja base prestígio firmava-se sobre enorme rede de filantropia e adesão de uma intelectualidade da pequena burguesia tradicional urbana,

a igreja católica sequer se pronunciava oficialmente sobre a umbanda em seu período inicial (...). Só no final dos anos 1940 a igreja iria declarar-se abertamente contra a umbanda, reconhecendo-a ipso facto como religião, e religião inimiga, e importante inimiga. Desligado da igreja católica desde a república, o Estado, na prática, funcionou por muito tempo como uma espécie de braço armado da igreja contra cultos e práticas de origem africana, indígena e mesmo do catolicismo de cura...

Mesmo com a perseguição, isso não foi suficiente para parar o crescimento da Umbanda, conforme foi crescendo nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro foi se espalhando para outros lugares do Brasil, sendo o Rio Grande do Sul como um dos maiores Estados a crescer o número de tendas umbandistas. A Umbanda ao chegar a outros Estados, foi ganhando influências diferentes e se expandindo ainda mais.

Segundo o Evangelho de Umbanda (1954, p. 44) determina que:

UMBANDA – vem de UM+BANDA. UM, que significa Deus, em linguagem simplificada oriental, para não entrar em detalhes esotéricos. E BANDA, que significa Legião, exército... ou lado de Deus! Ora, assim sendo não pode ser confundido com Africanismo, cujo ritual bárbaro e obras criminosas traçam por si mesmo uma linha divisória de incompatibilidade doutrinária e sobretudo moral com UMBANDA.

Isso implica dizer que a Umbanda tenta firma-se como uma religião espírita cristã que diverge das religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias já existentes que são associadas pelos intelectuais da classe média, a seitas satânicas.

Ademais no que diz respeito a seu principal fundamento, na Umbanda a caridade é entendida como o auxílio mútuo entre todos os seres, pois enxerga-os como iguais, sendo a dificuldade de um, a mesma que em outro momento outro indivíduo vivenciou ou poderá vivenciar, por esse motivo a caridade é algo de responsabilidade com todos, assemelhando-se ao conceito de solidariedade de classe. Isso foge do conceito de caridade determinado pela classe dominante, de que a caridade seria apenas uma ajuda voluntária aos marginalizados. A partir disso podemos ver que a preocupação da Umbanda não se resume apenas em cultuar os orixás, mas na empatia e solidariedade para com todos no geral, identificando a dificuldade do outro como algo que precisa ser solucionado, pois em outro momento pode ser a dificuldade daquele que está ajudando.

No que diz respeito ao processo de reconhecimento da Umbanda e de sua aceitação em nossa sociedade é preciso destacar as táticas realizadas pelo movimento umbandista para desvincular-se das demais religiões afro-brasileiras que já existiam no Brasil, pois era necessário que a Umbanda fosse vista como uma nova religião que possuía sua própria doutrina, ainda que tivesse influências de outras religiões já existentes. Outro ponto a ser frisado é o fato da Umbanda ter passado por um processo de embranquecimento, isso por causa do contato com

o espiritismo Kardecista. Como observa Oliveira (2008, p.81) “A apropriação do ritual da macumba foi, portanto, seletiva e depuradora, eliminando-se tudo o que chocava as mentalidades “esclarecidas”, como o sacrifício de animais, as oferendas de comida e bebida, o uso de fumo ou o emprego de instrumentos de percussão.” Dessa forma ainda que religiões como a macumba e o candomblé tenham influenciado na formação da doutrina umbandista, muitas práticas como as mencionadas acima, não foram abraçadas visando também fugir do preconceito e conseguir a aceitação no meio social.

Essas escolhas estão estritamente relacionadas ao fato de vivermos em sociedade majoritariamente branca e, portanto de ideologia dominante, o que a princípio ocasionou um afastamento da cultura negra. Porém com o passar do tempo, a necessidade de esconder as próprias origens foi deixando de existir e isso proporcionou uma aproximação com a cultura negra que antes estava distanciada. Isso possibilitou instituir na umbanda alguns elementos que tinham sido eliminados, como as oferendas, o fumo, atabaques entres outros. Entretanto, nos dias de hoje, dificilmente se encontrará tendas da Umbanda que tenham o seu formato original.

No que diz respeito ao Movimento Umbandista, seu surgimento foi um pouco tardio em relação à existência das primeiras tendas. Só em 1920 com o surgimento de práticas religiosas que se assemelhavam a Umbanda, sacerdotes umbandistas começaram a se reunir com o intuito de organizar a religião e instaurar uma identidade própria, para que não fosse atribuída a outros movimentos parecidos e transformar a imagem de “seita” atribuída a Umbanda, para religião. Para isso Oliveira (2008, p.103) salienta que

o discurso umbandista deveria: comprovar que a Umbanda era herdeira de uma tradição religiosa milenar; demonstrar a existência de uma doutrina filosófica que norteasse a conduta ética e moral dos adeptos; e buscar amparo na ciência para justificar (domesticar) as práticas mágico-litúrgicas.

Com isso os umbandistas começaram a divulgar a sua religião fazendo publicações, congressos e instituições para que houvesse uma compreensão da religião, sem interpretações com duplo sentido. O que mais ajudou no processo de legitimação e aceitação da Umbanda foi o uso da ciência, por parte de seus membros para explicar e argumentar as suas práticas.

Oliveira (2008, p.103-104) observa que:

A história da Umbanda se resume, portanto, em dois momentos: primeiro, o desenvolvimento larvar das casas de culto, quando ainda não existia entre elas nenhum laço de organização (final do século XIX e início do século XX); e, segundo, quando uma camada de intelectuais toma consciência da emergência de uma nova prática religiosa e decide orientá-la no sentido de integrá-la à sociedade brasileira (a partir da década de 1930).

Em suma o surgimento da Umbanda no Brasil ainda que tenha passado por processos necessários para sua legitimação, trouxe uma nova visão das pessoas, acerca da cultura negra e da importância de conhecer e respeitar uma nova crença que é um sinônimo de representação da população negra. A Umbanda também trouxe uma maneira humanizada de tratamento não apenas para com os adeptos da religião, mas com o ser humano em geral, pois entre tantos fundamentos importantes, tem como número um a caridade que implica em ajudar uns aos outros sem nenhum tipo de distinção.

2.1 A chegada da Umbanda na Paraíba

A Umbanda no Estado da Paraíba surge entre as décadas de 1930 a 1960. Antes de sua chegada a única religião afro-ameríndia no estado era a Jurema e nesse período seus adeptos eram perseguidos e muitas vezes presos e torturados principalmente na Era Vargas, ditadura militar que perdurou de 1964 a 1985. No que diz respeito à história da Umbanda na Paraíba, podemos listar o nome de algumas pessoas que foram fundamentais para o processo de inserção da Umbanda no Estado paraibano, são elas: as sacerdotisas Mãe Laura, Mãe Rita Preta de Santa Rita, Mãe Marinalva e o sacerdote Pai Osias. Foram eles que de forma clandestina abriram terreiros no Estado, antes e depois do fim da proibição de cultos afro-brasileiros. São esses alguns dos nomes responsáveis pelo percurso da Umbanda paraibana

Laura Maria Laurindo, conhecida por Mãe Laura, nasceu em 14 de outubro de 1930, na cidade de Vitória da Conquista – BA. Ela afirma que seus pais contavam que, ela desde muito nova, ainda bebê, sofria de convulsões e desmaios que duravam horas. Um dia, um homem que morava no sítio de seus pais, mas que era natural de Campina Grande – PB orientou aos pais de Laura que a levassem a um médium para que ela fosse tratada. Seu pai a levou em um centro Espírita e Laura aos sete anos já entrava em transe mediúnico. Em 1948 muitos agricultores do agave foram da Paraíba para trabalhar em Vitória da Conquista e foi assim que mãe Laura conheceu seu esposo, paraibano da cidade de Santa Rita. Com o casamento em 1950, mudou-se com o marido para a Paraíba e foi morar na cidade natal do esposo e onde mora até os dias de hoje existe um terreiro aberto. No fim da década de 1950, mãe Laura conheceu o pai-de-santo, Carlos Leal e este a apresentou a Mãe Teinha de Iansã, e depois se tornou mãe-de-santo. Desde quando iniciou, Mãe Laura mantém a tradição da Mesa Branca de Jurema, Jurema de chão, Jurema Batida e a Umbanda. Seu terreiro é um modelo considerado incomum, lembra

uma senzala, o teto é baixo e as paredes são rebocadas com barro e está localizado nos fundos de sua casa. Em depoimento Mãe Laura de Oyá ressalta o seguinte:

Comecei a ser mãe de santo em 1958. Comecei como mãe Juremeira porque aqui não existia umbanda, aqui tudo era Jurema. Comecei aqui mesmo, na Rua Santo Antonio (Bairro popular de Santa Rita). No começo era na outra casa, na frente. Quando cheguei pra morar aqui não tinha água encanada, nem energia. Era um deserto só. Aí a gente ficava cantando os pontos bem baixinho, com velas acesas, batendo palmas. Isso com a porta fechada e um espião observando se a policia vinha (...) Quando tinha um trabalho mais pesado, a gente ia pra mata da usina São João, lá a gente fazia um toré de caboclo, eles pulavam, dançavam à vontade. Assim era bom. Meu pai de santo foi o Mestre Carlos Leal Rodrigues, fundador da umbanda na Paraíba. Assim que João Agripino liberou os cultos, eu tirei minha licença e abri meu terreiro...

É preciso frisar que a Umbanda na Paraíba tem a influência do Candomblé de Pernambuco, da nação Nagô Egba e desde sua chegada na década de 1950, prevaleceu uma mistura de Umbanda e Candomblé em todo o território, até os dias atuais, apresentando diferenças, apenas a tenda do Pai Tertuliano, em João Pessoa, que diferente da Umbanda tradicional, não apresenta os ritos iniciativos, apenas trabalha com pretos velhos e caboclos.

Outro ponto a ser destacado é que a proibição estabelecida pelo Estado em relação às religiões afro-brasileiras se espalharam desde os trezentos anos do período Colonial. Especificamente na Paraíba, os adeptos a Jurema e em um pequeno espaço de tempo, os umbandistas, foram alvos de perseguição por parte da policia.

Na capital João Pessoa, o terreiro da Ialorixá Mãe Marinalva é o mais antigo a Umbanda. Foi ela que em 13 de maio de 1960, durante o período de perseguição aos cultos afro-brasileiros, abriu o “Centro Espírita São Jorge”, primeiro terreiro da Umbanda na Paraíba. Mãe Marinalva registrou o terreiro em cartório antes da liberação dos cultos que só aconteceu em 1966. Em João Pessoa e no interior da Paraíba existiam vários centros espíritas que funcionavam como “mesa branca” e desenvolviam consultas espirituais e cultos de jurema batida com o uso de instrumentos no meio das matas.

Marinalva Amélia da Silva, conhecida como Mãe Marinalva, nasceu em João pessoa no dia 17 de junho de 1935, quando perdeu a mãe quando criança foi morar com o pai no sítio Tucano, município bahiano, aproximadamente 4 km da capital Salvador. Seu contato com a jurema aconteceu aos 12 anos de idade através da nova esposa de seu pai, chamada Maria Salomé que era mãe-de-santo. Aos 15 anos teve o contato com a Umbanda com Nagô e aos 20 anos quando se casou, voltou para a Paraíba e na cidade de Bayeux, abriu uma casa religiosa. Mãe Marinalva também morou em alguns bairros da capital João Pessoa, como Miramar, Mandacaru, Beira Rio, Costa e Silva e Castelo Branco, indo morar no Rio de Janeiro no ano de

1980 e permanecendo lá por dois anos. Foi no Rio que Mãe Marinalva abriu uma casa religiosa com o intuito de cuidar de seus filhos-de-santo que inicialmente eram onze filhos e filhas.

Outro nome importante dentro das religiões afro-brasileiras no Estado da Paraíba é Mãe Rita Preta, que além de ter dado início a Jurema, em 1945, em Lagoa Seca – PE foi a responsável por fundar a Federação dos Cultos Africanos da Paraíba no mês de dezembro de 1966. Mãe Rita Preta viajou por diversos Estados tanto da região Sul, quanto Norte, visando uma organização das federações umbandistas. Podemos dizer que o que possibilitou a conquista da liberação dos cultos afro-brasileiros no Estado da Paraíba foi o Ato Institucional, a Emenda e a Lei entre 1965 e 1966. Como vimos por muito tempo houve uma perseguição e tortura contra os adeptos das religiões afrobrasileiras, porém graças à resistência e luta de homens e mulheres para que pudessem praticar com liberdade suas crenças, isso se tornou possível, ainda que hoje em dia ainda exista intolerância e preconceito com aqueles que fazem parte de religiões afro-brasileiras.

2.2 Carta magna da Umbanda

O intuito da carta magna na Umbanda é a proteção e prevenção da religião, promovendo-a tanto no Brasil como no mundo todo através de ações significativas e concretas. Iremos tecer algumas informações acerca de como a Umbanda enxerga as questões sociais e a participação de pessoas das mais variadas raças, orientações sexuais, entre outros. Primeiro é preciso destacar que existem duas características que são vistas como essenciais no entendimento da Umbanda como uma religião legítima brasileira, a primeira: É uma religião considerada milenar, pois os seus fundamentos não sofreram mudanças, sendo os mesmos que presidem o reencontro com Deus desde o começo da existência humana no planeta. É cósmica, pois os fundamentos estão pautados nos quatro pilares do conhecimento humano, que são a filosofia, ciência, religião e arte. Evolutiva nas suas manifestações, pois a Umbanda utiliza em seu dia a dia, os recursos existentes no ontem, hoje e utilizará os que existirem no amanhã. E por último cística, pois os seus aspectos e princípios estão alicerçados nos ensinamentos dos Mestres da Luz, em especial o Mestre Jesus. Vivendo o Evangelho, aceitando o que é bom e rejeitando a tudo que não auxilia no crescimento e desenvolvimento do ser humano. É brasileira em suas origens e como prática religiosa, surgida e desenvolvida no Brasil e hoje espalhada pelo mundo. A segunda característica é: A Umbanda pode ser identificada como uma religião

que promove a caridade e não realiza cobranças em suas práticas usuais, também não é aceito retribuição financeira pelos atendimentos fraternos, pois entendem que é necessário dar de graça o que se recebeu de graça, porém é aceito chamar os médiuns e os demais adeptos da religião, para que contribuam para a manutenção dos terreiros e para a realização de eventos que objetivam assistência aos necessitados. Dessa forma diante da necessidade de manter o bem estar e o conforto dos seus frequentadores, é realizada cobrança e contribuições, mas sem nenhum tipo de preconceito ou discriminação para com os que não possam contribuir. Em alguns casos em que sacerdotes ou sacerdotisas da Umbanda que se dedicam de forma integral ao culto, podem cobrar por consultas, ou o jogo de búzios, por exemplo, mas é importante frisar que não se pode negar atendimento aqueles que não podem pagar pelas consultas. No geral as sessões devem permanecer de forma gratuita e pública, tendo como pauta a caridade. Outro ponto importante é que a Umbanda não pratica o corte ritual de animais (mas respeita que esse é um fundamento de outras religiões). Os umbandistas praticam oferendas votivas de bebidas, flores, sucos, alimentos, incensos, velas e etc, como uma operação espiritual e vibracional, como também uma reverência aos orixás que é recomendada a todos os fiéis. A Umbanda reconhece que através da diversidade religiosa no Brasil, existem influências que foram responsáveis pela sua formação. Com o passar dos anos, inúmeras vertentes da Umbanda foram se formando e nessa formação foram agregadas práticas de outras religiões e por isso a Umbanda é totalmente contra qualquer tipo de discriminação, estando de acordo com a lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989, alterada pela lei 9.459, de 15 de maio de 1997 e a todas as demais leis acerca desse tema.

A Umbanda está pautada na doação, compromisso e caridade e podemos analisar o que a religião diz acerca de alguns assuntos importantes da vida em sociedade. Acerca da prosperidade a Umbanda enfatiza que é algo que vem pelo esforço, o trabalho árduo, ou seja, não é justo atribuir à espiritualidade riquezas, pois somos nós com nossa determinação que devemos conseguir. É um dever ter a humildade como base dentro da Umbanda, ainda que exista uma hierarquia e líderes para aprender, ser humilde e reconhecer que todos possuem algo para ensinar e precisam estar dispostos a aprender uns com os outros. A Umbanda aceita adeptos de qualquer raça, cor ou gênero, sendo totalmente contra qualquer tipo de preconceito. Dessa forma o casamento dentro da Umbanda é visto como algo maravilhoso, que deve ser uma escolha de cada um de acordo com o livre arbítrio e o amor. Para a Umbanda não existe diferença entre homossexuais, heterossexuais ou transexuais, todos possuem o mesmo direito

para a realização do matrimônio, como também não ver problemas na realização de um casamento no qual um dos indivíduos não seja umbandista.

Sobre adoção, a Umbanda não apenas é a favor, como a incentiva. Sempre orientando um acolhimento físico, moral e espiritual daquele que é adotado, pautado no respeito, proteção, carinho e amor. Acerca do divórcio os umbandistas não o incentivam, porém acreditam que uma relação infeliz e sem amor, acarreta sofrimento e pode causar riscos à integridade física, moral e espiritual do casal, de um dos cônjuges e a partir disso acarretar traumas nos filhos ou em outros familiares. Tendo em vista que o casamento deve ocorrer por afinidade, baseando-se no amor, respeito e lealdade, a Umbanda acredita que o carma do casal pode durar uma vida inteira, ou ser algo breve, tudo dependendo da missão espiritual que cada um possui.

Durante as sessões da Umbanda, são recebidos os flanges dos Erês (crianças desencarnadas) e consideram sua inocência importante para transmitir alegria e vibração poderosa para os médiuns, diante disso a participação de crianças durante o culto umbandista é visto como algo importante para a formação espiritual da criança, garantindo a elas o direito de conhecimento da mensagem de Jesus, conhecido como Oxalá, com sua magnitude em Deus e também nos Orixás e através dessa mensagem obter o entendimento mediúnico para batizado, respaldo moral, físico e espiritual contra qualquer forma de violência. Na Umbanda é incentivado que a criança saiba de sua importância, caráter e valor, tendo o direito de livre escolha e sendo amparada sempre dentro das crenças umbandistas. Em relação aos idosos na Umbanda, assim como ocorre uma reverência maior aos Orixás “decanos” ou “mais velhos” (principalmente Oxalá, Obaluaê e Nanã) e aos pretos velhos, as pessoas idosas que frequentadores da Umbanda são tratados com máximo respeito e são amparados no âmbito familiar e social, tendo como base o amor, a caridade e o Estatuto do Idoso.

As pessoas com necessidades especiais são acolhidas na Umbanda e não são excluídas do desenvolvimento mediúnico, pois é compreendido que a deficiência é algo presente apenas na carne e não ao espírito, dessa forma as limitações do corpo material, diante da fé do plano espiritual, se tornam nulas. Os umbandistas prezam em primeiro lugar o amor ao próximo, por isso buscam tratar com igualdade todos aqueles que buscam a doutrina da Umbanda, o respeito é algo exercitado entre os adeptos da religião e se consideram pessoas livres de qualquer tipo de julgamento. No que tange a acessibilidade os dirigentes de templos e federações devem procurar melhorias de acordo com a caridade, bom senso e as leis vigentes.

No que diz respeito ao uso de preservativos e anticoncepcionais, utilizados como forma de impedir uma gravidez indesejada ou alguma doença sexualmente transmissível, a Umbanda apoia e acredita que é de responsabilidade de cada indivíduo, decidir o momento certo de gerar uma nova vida, sendo respeitado o livre arbítrio de cada um, o controle de natalidade e o planejamento familiar. Mas quando se trata do aborto, a Umbanda é totalmente contra, pois se compreende que a partir da concepção já existe vida e o Espírito anseia por sua própria evolução. Na Umbanda se acredita que sempre há falta quando se transgredir a Lei de Deus. Quando alguém provoca o aborto, em qualquer período da gestação, está cometendo transgressão, pois impedirá que o espírito passe pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se está formando. O único motivo que o aborto é admitido é em caso de risco a vida da mãe, sendo preferível salvar a vida da progenitora. Por isso é necessário o aconselhamento direto com os Guias Espirituais, para que as ações dos indivíduos sejam baseadas na Espiritualidade e na particularidade de cada caso específico. É importante lembrar que caso o aborto ocorra por decisões de qualquer natureza, a Umbanda não condenará os envolvidos, e sim os ajudará acolhendo-os e trazendo o conforto espiritual.

Como já vimos qualquer pessoa que recorra aos terreiros de Umbanda, encontrará assistência para suas questões. No caso dos dependentes químicos, a Umbanda compreende a importância do tratamento espiritual para o problema em questão, atrelando ao tratamento psicológico. A Umbanda oferece o apoio ao indivíduo e toda a sua família, com base no respeito e amor.

Se tratando do suicídio, a Umbanda é totalmente a favor da vida e acredita que só o criador é quem sabe à hora do desencarne de cada pessoa. Sendo uma religião que valoriza a vida nos aspectos terrenos e espirituais, a Umbanda compreende que a passagem deve ocorrer de forma natural, respeitando a Lei e o carma e os aprendizados importantes ao Espírito. Qualquer prática que atente contra a vida humana ou de animais, não são aceitas pela Umbanda. Em caso de homicídio realizado por um policial no exercício de sua profissão, não possui ônus espirituais sobre esse fato, pois a responsabilidade passa a ser do Estado.

Se tratando do papel da mulher na sociedade, para a Umbanda não deve existir desigualdade de gênero, a mulher pode e deve exercer qualquer posição na sociedade e dentro da religião, a mulher está presente em todos os cargos hierárquicos da Umbanda. Não compactua e nem aceita nem um tipo de violência doméstica ou maus tratos, estando de acordo com o cumprimento das leis acerca desses assuntos.

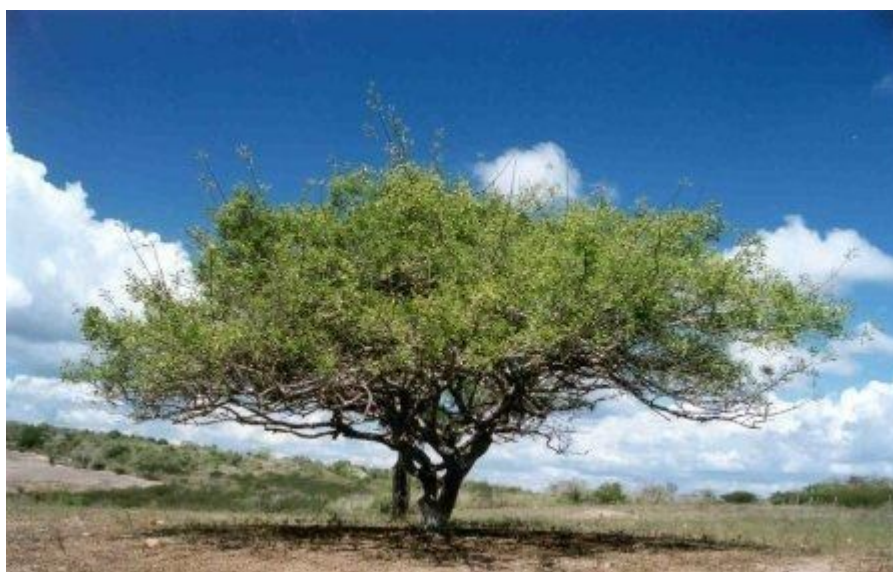
A Umbanda respeita as diversas religiões que existem e acredita que as religiões constituem os diversos caminhos de evolução espiritual que conduzem a Deus. Por esse motivo não promove julgamentos ou intolerância para com outras denominações, buscando sempre amar e respeitar a todos. Outras informações importantes são: a Umbanda ver com bons olhos a doação de órgãos, não possui objeções acerca da cremação e acredita que na escola as crianças precisam estudar matérias como filosofia, antropologia, história, sociologia e outros estudos da carta magna, como um ponto de partida para um diálogo inter-religioso.

Em suma sabemos que o que foi descrito aqui é apenas um pouco acerca da religião Umbanda e de sua importância para o Brasil, enquanto uma religião genuína brasileira. Ainda que vivamos em um país considerado laico, é inegável a intolerância sofrida por religiões afro-brasileiras. É um caminho árduo e que precisa ser trilhado visando uma sociedade que respeite as diferenças e o espaço de todas as religiões, principalmente aquelas que são vistas de forma pejorativa, ainda que não conheçam a fundo sua doutrina e julguem pelo que estipularam como verdade.

3 AS RELIGIÕES AFRO-INDÍGENAS-BRASILEIRAS NA PARAÍBA, UMA PEQUENA HISTÓRIA

Entre as várias manifestações religiosas e culturais presentes no estado da Paraíba, o culto a Jurema sagrada, também conhecida por catimbó, reconhecida como uma religião indígena, mas que possui influências dos cultos cristãos e afro-brasileiros é parte do campo religioso afro-indígena-brasileiro de nosso estado junto com a Umbanda e o Candomblé. É preciso lembrar que a jurema é uma árvore pertencente ao agreste e a caatinga e sua casca é retirada e utilizada para produzir uma bebida “mágica”, responsável por trazer sabedoria, força e o contato entre o ser humano e seres que pertencem a outro plano espiritual. É a partir disso que a árvore jurema, tornou-se também um objeto de experiência religiosa com o mesmo nome.

Fotografia 1 – Jurema Sagrada



Fonte: <http://www.paisagismodigital.com/Noticias/default.aspx?CodNot=161>

É necessário frisar que no decorrer do tempo, a Jurema começou a trazer para seus rituais, influências que contribuíram para que não existisse um padrão ritualístico longo. Diante disso, podemos definir como adeptos da Jurema, todos aqueles que se reúnem em casas ou terreiros para ingerir a bebida mágica produzida pela casca da árvore, sendo também utilizado o cigarro, com o principal objetivo de estabelecer contato com o mundo espiritual. Os cultos da Jurema contam com mestres que lideram a cerimônia e são responsáveis por incorporar os espíritos, aconselhando e curando as pessoas que participam desse momento. A jurema é vista

como uma árvore poderosa, sendo responsável por uma ligação com o que chamam de “reino dos encantados”. Segundo Bastide (1945) a mitologia acredita que a árvore jurema ganhou poderes após Maria esconder Jesus Cristo embaixo dela, quando ele fugia para o Egito e por isso a árvore possui poderes diversos, pois foram atribuídos pelo salvador.

A bebida considerada sagrada é um tipo de vinho que leva em sua preparação gengibre, mel, cravo, hortelã, canela e as cascas de jurema. Tendo em vista que, ao ingerir essa bebida, segundo pesquisas, não ocorre nenhuma mudança no organismo, a presença do ritual no ato da ingestão se torna indispensável para que ocorra o estado de transe em quem consome a bebida. É preciso destacar que em uma sessão de Jurema, as duas entidades que são incorporadas, são os caboclos e os mestres que já partiram. É através das falas e gestos que é possível identificar que está acontecendo à incorporação. De acordo com Pimentel (2010) na Jurema o mundo dos espíritos constituía várias cidades, e em cada um deles, existia a capacidade de dedicar-se a determinada categoria de pedido.

A sessão da Jurema conta com uma variedade de instrumentos, com destaque para a maraca (chocalho feito de cabaça) e ilu (tambor). Os “enjuremados” recebem de forma especial os “segredos” da Jurema e são colocados em uma mesma roda e protagonizam um ritual que apresenta a diversidade da cultura do nosso país. Na Paraíba, a Jurema é cultuada principalmente nas regiões do litoral, nas cidades do Conde, Alhandra, João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita e Bayeux, apresentando um misto evidente das religiões afro e indígenas. Na cidade de Alhandra o culto da Jurema é algo muito presente, tendo em vista a existência de aldeias que ainda são da época da conquista da Paraíba pelos portugueses, ainda que exista uma presença do catolicismo, as religiões afro marcam fortemente a religiosidade dos habitantes dessa cidade.

Por possuir um vínculo direto com o catimbó e se misturar com religiões africanas, derivado da mistura de brancos, índios e negros, a Jurema é uma religião que sobreviveu a séculos de perseguição. Porém sempre foi vista como uma saída para as populações mais sofridas que buscavam tratamentos para problemas espirituais e físicos, tendo em vista que os Juremeiros sempre foram considerados ricos em sabedoria e conhecimento acerca dos poderes de cura advindos das plantas.

Valdir Lima (2011) em sua dissertação de mestrado, intitulada *Cultos afro-brasileiros na Paraíba: uma história em construção (1940-2010)* apresenta uma viagem pelo percurso da chegada das religiões afro-brasileiras no estado paraibano, descrevendo com precisão acerca dos principais responsáveis pelos surgimentos dessas religiões nas terras paraibanas. A partir de pesquisas bibliográficas e entrevistas com sacerdotes dos cultos no estado, Lima (2011)

enriquece seu trabalho e nos possibilita um leque de conhecimentos valiosos acerca do assunto abordado, sendo crucial para a realização desse trabalho.

3.1 Os passos da Umbanda na Paraíba

No Estado da Paraíba, a Umbanda chegou entre as décadas de 1930 a 1960, porém antes de sua chegada nas terras paraibanas, à religião afro-ameríndia que crescia no estado era a Jurema. Em uma época marcada pelo preconceito e seguida da ditadura militar, os adeptos da Jurema foram perseguidos e em alguns casos torturados, por causa de suas crenças. Nesse período o desenvolvimento de rituais das populações indígenas era observado por diversos cronistas desde o tempo da colonização do nosso país. Esses rituais eram realizados através de infusões, danças e cantos, no qual os índios se comunicavam com antepassados que já pertenciam a outro plano espiritual, sendo os cachimbos e as pronúncias sagradas um marco nessas celebrações. Diante disso é possível imaginar que com a fé e a prática da Jurema pelos índios e as demais pessoas no período colonial, a propagação da fé cristã no Brasil tenha encontrado dificuldades para ser instaurada no Brasil pelos jesuítas.

A Umbanda na Paraíba surge cerca de um século e meio depois do seu surgimento oficial em 1908 a partir do médium Zélio de Moraes no Rio de Janeiro. Seu nascimento surge em meio a um período de luta das classes sociais e em meio ao controle policial acerca do comportamento e crenças dos indivíduos. Quando se fala na Umbanda paraibana alguns nomes são indispensáveis para conhecer o crescimento dessa religião no estado, sendo eles: Mãe Laura e Mãe Rita Preta da Santa Rita, Mãe Marinalva e Pai Osias de João Pessoa, sendo eles os primeiros a iniciarem, ainda que de forma clandestina, os trabalhos da Umbanda em terreiros, ainda mesmo antes do fim da proibição dos cultos de religiões afro. São eles que junto com demais sacerdotes, alguns ainda vivos, que deram o ponta pé inicial para o crescimento da Umbanda nas terras paraibanas.

É importante salientar que a Umbanda praticada na Paraíba possui uma grande influência da nação Nagô Egba, religião afro-brasileira em Pernambuco, vinda de Nagô na Nigéria, que mantém suas casas e cultos da mesma forma que foram ensinados pelos seus antepassados, formando assim uma mistura da Umbanda com o Candomblé. Na capital paraibana o primeiro terreiro da Umbanda, foi aberto por Mãe Marinalva, e possui o nome “Centro Espírita São Jorge”, no ano de 1960, justamente durante o período de perseguição as

práticas religiosas no que diz respeito às religiões afro no Brasil. De acordo com Lima (2011) na Paraíba, entre as décadas de 1940 a 1960, a religião espírita e a Jurema eram fortemente praticadas no estado e isso contribuiu de forma direta para a inserção de algumas práticas dessas religiões na Umbanda paraibana.

Conhecendo um pouco sobre os percussores da Umbanda na Paraíba, Lima (2011) apresenta Mãe Laura, que possui por nome de batismo Laura Maria Laurindo, nasceu no estado da Bahia, mas precisamente em Vitória da Conquista, no ano de 1930. Desde seu nascimento, seus pais relatavam que a menina convulsionava e chegava a desmaiar por horas, sendo considerada morta por seus pais em certa ocasião, os mesmos chegaram a fazer a encomenda do caixão, porém ao dar banho na menina, ela apresentou sinais de que estava viva. Laura e sua família moravam na zona rural e no mesmo sítio um dos moradores, natural da cidade de Campina Grande, aconselhou que os pais levassem a menina a um médium para que ele pudesse cuidar dela. Aceitando a indicação do homem, o pai de Laura a levou em um Centro Espírita de mesa branca e já aos sete anos de idade, a menina já entrava em transe mediúnico. Na década de 40, no ano de 1948, com a chegada de inúmeros agricultores vindos da Paraíba, para trabalhar nas terras baianas, Mãe Laura conheceu o homem que seria seu esposo, natural da cidade de Santa Rita e dois anos após esse encontro, Mãe Laura casou-se e com seu marido saiu de Vitória da Conquista e foi morar no estado paraibano.

Já nos anos finais da década de 1950, Mãe Laura conheceu Carlos Leal, aquele que seria seu Pai-de-Santo e Mãe de Teinha de Iansã, que se tornou sua Mãe-de-Santo. É importante salientar que Mãe Laura, desde o início conservou a tradição da Mesa Branca da Jurema, da Jurema de Chão, Jurema Batida e da Umbanda. Já o seu terreiro possuía uma estrutura que fugia dos modelos tradicionais, sendo semelhante a uma senzala, com piso grosso, paredes rebocadas com barro, bandeiras e um teto baixo, estando localizado no fundo do quintal de sua residência. Lima (2011) traz em seu texto o depoimento de Mãe Laura de Oyá:

Comecei a ser mãe de santo em 1958. Comecei como mãe Juremeira porque aqui não existia umbanda, aqui tudo era Jurema. Comecei aqui mesmo, na Rua Santo Antônio (Bairro popular de Santa Rita). No começo era na outra casa, na frente. Quando cheguei pra morar aqui não tinha água encanada, nem energia. Era um deserto só. Aí a gente ficava cantando os pontos bem baixinho, com velas acesas, batendo palmas. Isso com a porta fechada e um espião observando se a polícia vinha [...] quando tinha um trabalho mais pesado, a gente ia pra mata da usina São João, lá a gente fazia um toré de caboclo, eles pulavam, dançavam à vontade. Assim era bom. Meu pai de santo foi o Mestre Carlos Leal Rodrigues, fundador da umbanda na Paraíba. Assim que João Agripino liberou os cultos, eu tirei minha licença e abri meu terreiro[...] (p.75)

No depoimento de Mãe Laura de Oyá, percebemos que o início de sua trajetória como sacerdotisa, em 1948, ocorre justamente durante um período de opressão policial aos cultos das religiões afro-brasileiras. Diante disso podemos refletir como era a vida dos adeptos das religiões nas primeiras décadas do seu surgimento no estado da Paraíba, o que nos faz lembrar que não era muito diferente da opressão vivida pelos escravizados ao expressar sua religiosidade em séculos anteriores. Reis (1988) apresenta as informações trazidas por Carneiro:

na década de 1940 [...] que membros de terreiros [...] escondiam com cuidado seus atabaques para evitar o confisco pela polícia. Essa adaptação ritual a um ambiente repressivo provavelmente tinha uma longa história. O atabaque muitas vezes foi visto não só como instrumento de rituais religiosos ou de acompanhamento de inocentes batuques, mas como instrumento de revolta (p.72).

Segundo Lima (2011, p. 76) Mãe Laura em seu depoimento também relata acerca da localidade do terreiro: “Quando cheguei para morar aqui não tinha água encanada nem energia. Era um deserto só”, o que nos leva a compreender que os templos das religiões afro-brasileiros sempre foram construídos nas regiões periféricas, tanto nas grandes cidades, como nas pequenas. Reis (1988) salienta que:

O Calundu de Cachoeira certamente não se localizava no centro da vila _ a Rua do Pasto ou Pasto, como o nome indica, devia ficar no limite entre o urbano e o rural [...] Ele não estabelece a rural idade dos terreiros, e é verdade que estes sobreviveram nas periferias urbanas, entretanto, mais do que “guardada”, a tradição africana foi sobretudo exposta socialmente [...] Nas cidades, o toque dos atabaques chegava longe aos ouvidos de seus habitantes(p.81).

Diante disso observamos que a situação dos terreiros de Calundu e Candomblé na Bahia, não apresenta diferenças dos terreiros de Umbanda e da Jurema no estado paraibano e nas demais regiões do país, estando até hoje em sua grande maioria, dentro das periferias das cidades, e isso diz muito sobre o olhar que a sociedade, principalmente o das pessoas de classes sociais mais elevadas, tem acerca das práticas religiosas afro em nosso país, deixando evidente o preconceito e a discriminação com o que difere das religiões cristãs no Brasil. É preciso frisar que Mãe Laura e os demais Pais-de-santo são nomes que significam resistência e luta dentro desse processo de crescimento dentro das cidades. Desde o período Colonial (1500-1822) que a proibição forçada pelo Estado às religiões afro-brasileiras existia e se perdurou até o período republicano.

Especificando o estado da Paraíba, Lima (2011) enfatiza que os Juremeiros e também os Umbandistas, ainda que estes, por um período de tempo menor, que sofreram com a

perseguição aos cultos da sua religião. Foi no ano de 1941, no qual ocorreu o I Congresso Nacional de Umbanda no Rio de Janeiro, que começaram a surgir às primeiras federações da Umbanda, ainda que o processo de aceitação e respeito para com as religiões afro tenha sido e ainda seja longo, esse foi o primeiro passo para que começasse a existir liberdade e um olhar menos preconceituoso para com as religiões que se diferem do que é considerado “normal” dentro de uma sociedade influenciada pelos ensinamentos da colonização. Porém é necessário lembrar que a perseguição e o preconceito permaneceram presentes.

Na capital João Pessoa, o terreiro de Mãe Marinalva foi o primeiro a ser aberto no Estado paraibano. Conhecido pelo nome “Centro Espírita São Jorge” e aberto em maio de 1960, época de repressão policial, Mãe Marinalva, registrou em cartório seu terreiro durante o período de perseguição. Nas décadas de 1940 a 1960, existiram inúmeros centros espíritas em João Pessoa e também nas cidades do interior da Paraíba, porém neles além de consultas espirituais, eram desenvolvidos cultos da jurema batida com a presença de instrumentos de percussão. Em alguns casos, ainda que de forma rara, os adeptos da jurema, batiam tambores, também chamados de “ilús” para avisar aos demais sobre a chegada de policiais, o que levaria ao fim dos cultos e a prisão dos envolvidos nos ritos.

Lima (2011) destaca a história de Marinalva Amélia da Silva, mais conhecida por Mãe Marinalva, natural de João Pessoa, nasceu em junho de 1935, por ter perdido a mãe ainda criança, foi morar no estado da Bahia, com o pai, na zona rural, a aproximadamente quatro quilômetros da capital Salvador. Com o novo casamento do pai, com uma Mãe-de-Santo chamada Maria Salomé, Marinalva iniciou sua vida religiosa na Jurema com apenas 12 anos, migrando para a Umbanda com Nagô aos 15 anos de idade. Com 20 anos, Marinalva casou e retornou com seu marido para a Paraíba. Na cidade de Bayeux, ela abriu uma casa religiosa e mudou-se várias vezes por vários bairros da capital João Pessoa, até que em 1970 viajou para o Rio de Janeiro e morou lá por dois anos. Em sua estadia no Rio, Mãe Marinalva abriu uma casa religiosa com o intuito de acolher e cuidar dos seus filhos-de-santo, sendo no total de onze filhos e filhas nesse período.

Em 1972, Mãe Marinalva retornou a João Pessoa e relata que cuidou de cerca de 114 filhos-de-santo e realizou inúmeros “Boris” (ritual cultuado a Ori) e “assentamentos¹”, durante os seus 50 anos como Mãe-de-Santo. Mãe Marinalva relembra também nomes que foram de grande importância para a Jurema nas décadas de 1950 e 1960: Pai Moisés e Mãe Zefinha,

¹Uma estrutura para sustentar a base do trabalho espiritual dentro de uma casa na Umbanda.

Mestre Carlos Leal Rodrigues, de Tambauzinho, Mãe Beata, do Cristo e Mãe Dina. Além de Mãe Joana e Pai Dudu, de Bayeux e Mãe Rita Preta, Pai Valdivino, Mãe Maria do Peixe, Mãe Severina de Chico Diabo, Sebastião Gama, Miliano e Manoel Medeiros, de acordo com Lima (2011). Como falamos anteriormente Mãe Marinalva mudou-se várias vezes pelos bairros de João Pessoa, e com o processo que ocorreu no século XX, favorecendo uma modernização das cidades no Brasil, Mãe Marinalva se deslocou de um bairro de classe média para a periferia da capital, onde segundo a mesma, as casas eram no mato e cobertas por palhas. Esse detalhe apresenta a exclusão dos terreiros das religiões afros de bairros de classe média e alta e os coloca dentro das periferias, salientado por Lima (2011).

Isso é algo não apenas do estado paraibano, mas de uma forma geral nas localidades do nosso país. Pares (2007) apresenta essa mesma mudança no estado da Bahia, em Salvador: “A Cacunda de Yáyá, foi fundada inicialmente no Bairro de Sussuarana, em Salvador, em 6 de janeiro de 1920. Depois, quando o governo expropriou as terras, foi transferida para São Caetano (p.256).” Isso mostra uma desvalorização dos centros espirituais das religiões afro-brasileiras em nosso país, colocando-as em localidades que são sempre tratadas de maneira pejorativas, pois são nas periferias, onde o olhar para com a população se baseia apenas na criminalidade e em um povo carente de atenção das autoridades.

No lugar onde existia o terreiro que pertencia a Mãe Marinalva foi construída uma avenida que faz uma ligação do centro da cidade com o caminho das praias, isso só comprova mais uma vez a marginalização dos terreiros dentro das cidades, pertencendo a eles um lugar inferior. De acordo com Mãe Marinalva essa mudança acarretou uma desorganização de sua vida, pois ela precisou se mudar e construir novamente seu terreiro. Com a indenização que só ocorreu com a procura de Mãe Marinalva por seus direitos, na prefeitura de João Pessoa, a mesma recebeu catorze cruzeiros e com essa quantia realizou a compra de um terreno, no qual construiu sua moradia e seu terreiro.

Em 2010, a Cruzada Federativa de Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros, fez uma homenagem pelos 50 anos de vida sacerdotal da Mãe Marinalva e de acordo com Lima (2011) esse é depoimento de Mãe Marinalva acerca da construção da Umbanda na Paraíba:

[...] hoje as pessoas estão usufruindo dos frutos da Umbanda, mas, eu sei o que passei para que isto acontecesse [...] eu me mudei pro Miramar, só existiam três casinhas de palhas [...] é uma história. Eu vou deixar no meu livro, minha história pra todo mundo saber. A velha que era dona da casa disse que me vendia a casa por 13 cruzeiros, por que lá era alugada [...] daí chegou uma menina de Campina Grande para ser cuidada, ela estava obsedada. Eu passei oito dias tratando da menina. Quando terminou, um senhor veio de carro buscar a menina e disse: __ Dona Marinalva, quanto é que lhe devo?, e eu disse: __ Você não me deve nenhum tostão [...] Ele colocou a mão no bolso e me deu 13 cruzeiros e disse: __ Pronto, tá aqui, para a senhora comprar de velas.

[...] Dona Zefinha me cobrou apenas 12 cruzeiros pela casa e disse que eu comprasse o restante de velas [...] eu fiz tanta coisa com esse dinheiro, comprei tanta coisa (p. 79).”

Nesse trecho é perceptível a presença da caridade que é um dos princípios centrais da Umbanda. Para os umbandistas o crescimento espiritual está diretamente ligado com a caridade, o que se é feito pelos semelhantes sem querer algo em troca. Silva (2009) afirma que: A caridade, traço fundamental para a evolução espiritual dos umbandistas, pode ser vista no trecho do depoimento de Mãe Marinalva, quando indagada pelo pai de uma moça obsedada, que veio ser cuidada por ela. Segundo Silva (2009) a caridade dentro da Umbanda é algo praticado visando ajudar o outro através do serviço mediúnico, sendo algo que traz benefícios para os aflitos e também para o médium que realiza a purificação daqueles que estão precisando.

Dessa forma percebemos que na Umbanda a caridade é mais valiosa que bens materiais, pois propicia uma proteção para aquele que está ajudando a vida de outros indivíduos, isso mostra uma relação de fazer o bem atrai o bem para aquele que o faz, destacando o auxílio que é dado na Umbanda a qualquer pessoa, independente de sua raça, cor, gênero, posição social ou orientação sexual. A caridade como principal princípio dentro da Umbanda é uma influência do espiritismo de Allan Kardec que está nos centros umbandistas desde o seu início até os dias atuais. As consultas realizadas nos centros da Umbanda nunca foram cobradas, porém, em alguns casos, passou a ser necessário a cobrança, tendo em vista a necessidade de manter os templos e também ajudar os pais e mães-de-santo, que sempre foram excluídos na nossa sociedade.

Em 1979 o pesquisador Bastos realizou uma pesquisa com o pai-de-santo Carlos Leal que trouxe algumas informações acerca da Umbanda e Jurema no estado da Paraíba. De acordo com ele até o final da década de 1970 existia cerca de 1.930 terreiros e em torno de 93.000 adeptos dessas religiões, e Bastos (1979, p. 211- 212) apresenta as seguintes afirmações de Pai Carlos Leal:

[...] Congregando todas as falanges (Orixás e Eguns, ou seja, Orixás-Santos, que não encarnam, e algumas de desencarnados) de Jurema, Nagô, Quêto, Moçambique, Angola, Aztecas, Congo, Jeje, etc. As mulheres predominam nos cultos e não há incompatibilidades com a Igreja.[...] Os frequentadores da Umbandas na Paraíba, são geralmente pessoas pobres e humildes. Pessoal da classe média ou “alta” só procura a umbanda como último recurso às suas dificuldades.[...] Os cultos na Paraíba, se dividem em Kardecistas, Jurema e Umbanda. As Ialorixá, por serem mulheres, não é permitido o jogo de Ifá (búzios).

Ao observar esse discurso proferido por Pai Carlos Leal, podemos levantar alguns questionamentos acerca dessas informações que apresentam desencontros na fala dele. Primeiro ao se referir aos cultos afro-paraibanos, menciona as nações de Candomblé Quero, Angola e Jeje. Lima (2011, p. 80) salienta que:

Mesmo tendo Mãe Beata se iniciado no Angola, e Pai Jackson ter trazido o Ketu para Cajazeiras em fins da década de 1970, o Candomblé só se consolida na Paraíba na década de 1980. A nação Jeje é a última a se afirmar no estado, com a conversão de Mãe Renilda ao Candomblé, apenas em 1996. A nação Congo, hoje praticamente incorporada ao Angola, nunca existiu na Paraíba. O Moçambique, criado na Paraíba pelo Nagozista Mário Miranda, do Recife, consolidado à princípio por Pai Gilberto da Pedra e Mãe Graça. E o que mais nos causa estranhamento, é o fato da civilização “Azteca”, pré-colombiana (extinta no século XVI) ter sido citada como nação de Candomblé.

Outro ponto destacado na fala de Pai Carlos Leal é o fato dele mencionar que não existe uma incompatibilidade entre os umbandistas com o catolicismo, reforçando assim o sincretismo, ou seja, a mistura de cultos e religiões que são diferentes, mas que apresentam um novo sentido aos seus elementos. No quarto parágrafo Pai Carlos Leal acaba deixando de fora as demais religiões afroparaibanas, quando apresenta apenas os Kardecistas, Jurema e a Umbanda. E por fim no último parágrafo, ele faz uma afirmação errônea ao dizer que as mulheres que exercem o sacerdócio não possuem permissão para realizar o jogo de búzios, pois é certo dizer que na tradição afro-brasileira, por séculos, o jogo de búzios foi realizado de forma exclusiva pelas mães-de-santo, ou seja, apenas mulheres, tendo em vista que a função de sacerdote atribuído ao sexo masculino é algo recente dentro do Candomblé e da própria Umbanda que é uma religião jovem, como salienta Lima (2011).

É necessário afirmar que esses desencontros nas informações citadas por Pai Carlos Leal, são oriundos da falta de uma afirmação maior dos cultos afro-paraibanos, pois após sua liberação não existia escritos registrados sobre eles, o que dificulta um conhecimento maior acerca de como funcionava os cultos das religiões afros na Paraíba. É possível dizer que essa pesquisa realizada por Bastos foi à primeira sobre a religião Umbanda no estado paraibano.

Com Severina Chico Diabo que é citada por Marinalva como um dos nomes de relevância para a Umbanda da sua década, aconteceu uma sucessão sacerdotal que pode ser visto como uma exceção, pois é algo raro de acontecer. Nas religiões afro-brasileiras, é normal que após a morte do patriarca ou matriarca, a casa seja fechada, pois não tem alguém para dar continuidade ao trabalho executado, dessa forma é normal que a família do sacerdote ou da sacerdotisa venda o templo e isso acarreta no esquecimento da memória religiosa afro-brasileira. Lima (2011) destaca que nas últimas décadas os sacerdotes vêm sendo orientados

pelas federações a registrar os seus terreiros como instituições religiosas, pois isso impede que sejam vendidas, quando os donos vierem a falecer e esses templos podem se tornar espaço para manter viva a memória ou fundações. De acordo com Lima (2011, p. 81) Pai Osias, um dos pioneiros da Umbanda na Paraíba, diz o seguinte sobre Severina Chico Diabo:

A história dessa casa começou com a senhora Severina Felix, minha sogra e Sacerdota. Ela veio de Santa Rita pra cá e abriu barracão [...] minha sogra quando muito nova foi para o Acaes para tirar o visto, o certificado. Ela foi fazer o tira-teimacom Maria do Acais na mesa e Flósculo [...] Agora o que eu reflito hoje é que essas pessoas sem ter conhecimento se consideram “embaixadores da Jurema”. Eu não aceito essa estória [...] Me iniciei em 1970 e foi nesse tempo que Deus a chamou. A casa passou um ano fechada. Fui procurar minhas raízes, o Pai-de-Santo dela, de Pernambuco, Bibi da Sapucaia. Meus irmãos abandonaram a casa. Da raiz inicial só tem eu aqui [...] ela pediu muito antes de morrer, que eu não deixasse que acabasse e, nós continuamos [...] E eu digo sempre: _ nunca chego aos pés da minha sacerdotista.

Nesse depoimento vemos que Pai Osias deixa claro que após a morte de sua fundadora, o terreiro Santa Barbara ficou fechado por um ano, e entre os motivos, estava o interesse de buscar conhecer a sua ancestralidade na cidade do Recife, descobrindo assim as suas raízes e seus fundamentos. Tudo isso através do Pai-de-Santo Bibi da Sapucaia, o afastamento dos filhos-de-santo que foram iniciados a partir de Mãe Severina e também trilhando o caminho que Xangô, o seu Orixá, lhe orientou, que é a necessidade de se preparar para que possa assumir até o fim um sacerdócio que ocorre por sucessão. Outro caso de sucessão sacerdotal ocorreu no Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo. Quando Mãe Maria do Peixe, que faleceu em outubro de 2010, deixou o seu filho como encarregado de continuar o seu sacerdócio (Pai Neno de Yansã), responsável por ficar a frente da realização dos trabalhos religiosos, de acordo com Lima (2011).

Conhecer um pouco dos passos da Umbanda na Paraíba, desde sua chegada, as influências de outras religiões e nomes importantes como os citados acima, que lutaram e levaram a diante a Umbanda no estado paraibano em meio a perseguição religiosa, é de grande importância para entender a diversidade cultural e religiosa que existe não apenas no nosso país, mas dentro de um único estado brasileiro. Essa visibilização colabora para que a intolerância seja combatida e reafirma a relevância das religiões afro-brasileiras para a Paraíba.

3.2 As Religiões Afro-indígenas-brasileira e suas divindades

Quando se fala nas religiões afro-brasileiras é necessário se falar sobre a presença de Exu, quem ele e o seu papel desempenhado dentro das religiões afro. É preciso destacar que

Exu é uma ancestralidade de milhões de anos e está presente em diversas religiões que fazem parte das matrizes africanas, sendo cultuado no banto e Jeje e ocupando um lugar de destaque no Yorubano. É possível dizer que Exu é um orixá que ocasiona discussões. Lima (2011) observa que quando é orixá masculino (Aboró), a função de Exu está atribuída à reprodução humana, ao amor e normalmente está representado pelo órgão sexual do homem, sempre como uma escultura em amuletos que são feitos de barro ou madeira, ou ainda na forma de bastão, no qual a ponta possui uma forma fálica, tendo como base cabaças.

É esse orixá responsável pela comunicação entre a terra e o céu, ou seja, o responsável por cumprir a função de levar a mensagem entre os seres humanos e os orixás. É ele o primeiro orixá para quem seus adeptos devem rezar e cultuar, oferecendo a ele oferendas, seja na Umbanda ou no Candomblé. Isso acontece não para prevenir a sua raiva e assim seus atos de ira, como muitos acreditam, mas pelo motivo dele ser o principio da comunicação e da movimentação em si. Dessa forma ele é procurado primeiro, para que em seguida leve a mensagem para os demais orixás, e estes venham a terra para celebrar com os seus fiéis. Também é dele a função de manter conservada a força divina e vital dos orixás, como também o axé. Exu recebe inúmeros títulos e alguns chegam a considerá-lo como mau e essa crença atribui a Exu uma imagem negativa.

É preciso frisar que existem diferenças entre a relação dos adeptos com Exu no Candomblé e também da Umbanda cruzada com o Candomblé, apresentando assim diferenças na forma como o Exu é visto. Na Paraíba a quantidade maior de terreiros é da Umbanda cruzada com o Candomblé e Exu é visto como uma entidade que atua tanto para o bem como para o mal, porem, por acreditarem que ele atua mais para o mal, é um orixá muito temido. Já no Candomblé Exu é visto como o responsável pela cabeça das pessoas. Em seu trabalho acerca do sincretismo das religiões afro-brasileiras, Valente (1976, p.78) salienta que: “[...] por isto, é Exu, nos Xangôs em que é considerado como demônio, festejado no dia de S. Bartolomeu. Como divindade maléfica, é utilizado para fazer os “despachos” ou ebós, que são trabalhos ofensivos a alguma pessoa ou coisa.”

Sobre essa afirmação de Valente (1976) acerca dos “despachos” ou ebós ofendem e causam mal, na verdade eles são oferendas que os adeptos das religiões afro-brasileiras e ameríndias oferecem as entidades. Já o termo despacho está associado a algo de imagem negativa, ou seja um termo pejorativo para os ebós que são utilizados em festas ou outras ocasiões, nas quais necessitam de alguns fins, como a cura do alguma doença física, ou algum mal espiritual, também para conseguir empregos, agradecimentos aos orixás ou até mesmo para

localizar pessoas que desapareceram. Essas oferendas são colocadas em rios, matas, encruzilhadas, pedreiras e etc. Porém se tratando de Exu/Pombagira, suas oferendas precisam ser depositadas nas encruzilhadas, pois esse é o Exu responsável por realizar a movimento de todo o sistema e por ser o senhor dos caminhos, sendo a encruzilhada o ponto de encontro de todos os caminhos, é lá que onde todas as energias se unem e esses são os motivos que levam as oferendas a serem colocadas nas encruzilhadas, diferente do que muitos pensam, não tem uma relação com o mal, ou que se trata de trabalhos feitos para prejudicar outras pessoas. Giumble (2004, p.170) em seu trabalho “*A busca da África no Candomblé*”, traz depoimentos de candomblecistas convertidos da Umbanda:

[...] no discurso dos médiuns que “recebem” os exus e pomba giras de Umbanda e são iniciados no Candomblé, sempre transparece um conflito latente entre os espíritos – os escravos – e seus donos. Assim, ao falar de sua pomba fira (Maria Mulambo), Maria Auxiliadora de Xangô, da nação Jêje, sublinha a rebelião dos espíritos contra os Orixás e seu poder.

Esse percurso realizado por Giumble (2004) é de grande importância para conhecer a figura de exu nas religiões afro-brasileiras no decorrer do século XX, porém existem alguns pontos a serem discutidos. Primeiro é imprescindível destacar que a Umbanda enquanto uma religião espírita possui como função a prática da caridade, isso tendo como base a doutrina dos desencarnados, buscando fazer com que caminhem para o caminho da luz. É a partir disso que os médiuns precisam fazer a incorporação dos espíritos com o objetivo de praticar a caridade com as pessoas que os procurarem buscando contribuir para uma evolução que seja sempre contínua e mútua. Já as pessoas que não pertencem às religiões afro-brasileiras são as responsáveis por procurar as mães e pais-de-santo, para a realização de trabalhos que possuem a intenção de fazer mal para outras pessoas. É nessa busca que muitos encontram oportunistas que fingem serem sacerdotes e acabam manchando a imagem das religiões afro-brasileiras. Essas pessoas além de não serem simpatizantes da religião, também não conhecem os seus princípios e buscam apenas uma prestação de serviços para a realização de trabalhos ou para obter vantagens.

Um dos traços que são característicos das religiões afro-brasileiros é o encanto e isso aflora a imaginação das pessoas que enxergam uma possibilidade para buscar novos amores, separação de casais, destruição de adversários, e trazer para o seu próprio convívio pessoas, ainda que seja contra a própria vontade. De acordo com Negrão (1994, p.119):

A demanda implica no caráter conflituoso da vida cotidiana: há inimigos, há pessoas mal intencionadas. Não é errado agir contra eles, defendendo-se contra atacando [...] Assim como o bem que se busca, a cura, a resolução de problemas diversos, deve sê-

lo também. Neste clima, todos os pais-de-santo são “demandeiros” em potencial, decorrendo daí a desconfiança generalizada entre eles.”

Esse comentário de Negrão (1994) apresenta uma visão geral acerca das práticas que os pais e mães-de-santos utilizam a magia dentro da Umbanda cruzada com a religião Quimbanda com a finalidade de realizar mal para outras pessoas. É necessário relatar que essa afirmação de que todos os pais-de-santo são demandeiros em potencial, seria uma afirmação errônea, tendo em vista que a palavra “demanda” está atrelada ao feitiço, macumba, pragas e trabalhos maléficis, trazendo uma imagem negativa. Também é importante destacar que não se pode dizer que todos os sacerdotes das religiões afro-brasileiras realizam essas práticas, acreditar que isso é verdade, aumenta a visão negativa dessas religiões que já são alvo de preconceito na sociedade.

Outro ponto a ser destacado é que as pessoas adeptas das religiões afro-brasileiras em sua grande maioria pessoas de classe baixa e marginalizada. A situação socioeconômica dos sacerdotes e sacerdotisas são a mesma dos fieis, e o preconceito enfrentado é vasto, tendo em vista que são pessoas analfabetas, negros, homossexuais, o que revela o preconceito social que as religiões afro-brasileiras sofrem e isso contribui para que a religião seja transformada em um mercado religioso. Diante disso, sabemos que os praticantes da religião Umbanda buscam em Exu a força para atingir os seus objetivos e é por esse mesmo motivo que a imagem de Exu está cada vez mais associada ao diabo, sendo sempre temido pelos cristãos. De acordo com Lima (2011, p. 85) Oliveira² afirma que:

[...] Não há existência sem Exu porque não há existência sem uma forma cultural que lhe dê sentido. Exu dá sentido ao interligar todos os seres. Os seres são porque são interligados. Exu está mais para significante do que para significado. Ele, em última análise, é o signo de referência que dá sentido aos outros signos. Mas não é um signo déspota que se comporta como equivalente único de significação nem como modelo único da realidade. Exu é em si mesmo múltiplo. Possui-o não uma regra, mas o mistério _ que detona com a regra; possui múltiplas funções [...]. Exu é muitos, por isso pode inventar novas regras e preservar outras. Pode como o real, ser criativo, devastador, imperativo, compreensivo e até mesmo violento. [...] Na cosmovisão africana a mudança é para a inclusão e não para a exclusão. Está excluindo aquele que não aceita e não vive a regra comunitária que, tem em Exu, a possibilidade para a sua criação. Ou seja, exclui-se aquele que quer excluir outrem. Exu é outrem. É a própria personificação da auteridade [...].”

Dessa forma podemos observar que a opinião sobre Exu que Oliveira possui além de ampla e bastante complexa, sendo uma visão de objeto de estudo de pesquisadores acerca dos orixás. Outro ponto a ser visto é que o Exu que é conhecido pelo povo africano, trazido pelos

²Oliveira (<http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/9/9>)

negros para o Brasil, sempre temido e cultuado, é uma divindade mítica. Sobre quem é Exu, a ele está atribuído a criatividade e não ao ser supremo ou criador e a saudação utilizada a Exu é “Laroyê”. Carneiro (1977, p. 68) afirma que: “Ora, Exu não é um orixá ___ é um criado dos orixás e um intermediário entre os homens e os orixás. Se desejamos alguma coisa de Xangô, por exemplo. Devemos despachar Exu, para que, com sua influência, a consiga mais facilmente para nós.”

As visões aqui apresentadas por Valente (1976), Negrão (1994) e Carneiro (1977) sobre Exu, mostram concepções diversas seja por religiosos, pesquisadores ou pessoas comuns e acarretam discussões que precisam ser analisadas. A questão é que um ponto em comum entre eles é o fato de concluírem que Exu não é um orixá e que sua personalidade está sempre associada ao que é mal. É exatamente pela falta de pesquisadores adeptos de religiões afro-brasileiras que existe esse aumento de ideias que colaboram com o preconceito e a visão errada sobre quem é Exu e sua função dentro das religiões afro-brasileiras. Dentro da Umbanda Exu não é visto como dono de cabeças ou na figura de orixá, mas é cultuado por obrigação. Antes do início do culto religioso é realizado a reza para Exu e oferecido as oferendas. Após esse momento ele é colocado para fora do terreiro ao lado de uma companhia feminina, conhecida por pombagira.

Os exus são vistos como espíritos que estão em lugares como cemitérios, matas, encruzilhadas e nas ruas, associados na Umbanda à morte, como exemplo do orixá Omulu, que diz respeito a um deus das epidemias, todas as doenças e também da saúde. Na Umbanda os exus que são cultuados, são entidades que já desencarnaram e estão em busca da luz e paz espiritual. É importante salientar que a maioria dos exus e pombagiras foram pessoas que viviam nas margens da sociedade, como as prostitutas, curandeiras, e ex cafetinas, sendo desprezadas no meio social e acabando sua trajetória com uma morte trágica.

Na realização dos trabalhos, as Pombagiras, consideradas boas amantes, sempre são procuradas para trabalhos que envolvem encantos para ter sucesso na vida amorosa. Seus símbolos são as cores vermelho e preto. Quando ocorre a incorporação os Exus, se comportam de maneira grotesca, já as legbaras, são sempre bem animadas e causam destaque por causa de suas risadas altas e o requebrado com as mãos na cintura, sempre girando em torno de si mesmo e repetindo os movimentos. As festas que são realizadas para Exu e Pombagira ocorrem no mês de agosto, e os médiuns sempre fabricam suas roupas de acordo com as cores, também realizam sacrifícios de animais e oferecem bebidas e charutos, com o intuito de pedir proteção e a abertura dos caminhos.

Os adeptos da Umbanda compreendem que na religião o Exu não é cultuado no altar sagrado, pois ele é chamado de “povo da rua” e não é um orixá. Tendo em vista que o mês de agosto é conhecido como um mês de desgraças e desgosto, onde coisas ruins estão mais propensas a acontecer, a “diabolização” de Exu ganha mais força ainda no meio cristão, aumentando a imagem negativa de Exu como uma entidade que promove o mal. Essa difusão da imagem de Exu como diabo também ganhou força pela existência de estátuas com caudas e chifres e sempre pintadas de vermelho com a capa preta e isso pode ser explicado como uma interpretação equivocada que os cristãos possuem acerca das imagens dos exus na África, nas imagens cultuadas na verdade não são chifres, mas antenas que apresentam uma ligação entre os pólios da terra e Exu. Outras imagens apresentam os exus com asas de morcego, alguns termos como inferno e diabo ao longo do tempo começaram a ser introduzidos em cantigas nos terreiros da Umbanda e da Jurema cruzada com a Umbanda. De certa forma todos esses detalhes acabaram colaborando para uma interpretação errada do que é Exu e da Umbanda, entretanto a falta de conhecimento e o preconceito advindo do cristianismo são os verdadeiros culpados pela intolerância religiosa sofrida pelas religiões afro-brasileiras.

As oferendas que são oferecidas a Exu, são sempre colocadas em porteiras de currais, matas e encruzilhadas, pois Exu tem a função de abrir os caminhos, porém por serem colocadas nesses lugares, muitas pessoas acreditam ser rituais de magia negra, realizado para prejudicar alguém. É de total relevância dizer que na Umbanda, ao contrario do que pensam, existe o monoteísmo. A religião acredita na existência de um ser que é superior a todos, sendo ele o criador do céu e da terra e todas as coisas que existem nela, para os cristãos e também na Umbanda esse ser se chama Deus, para os bantos, Zambí e para os iorubas, Olorum, nomes diferentes, porém o mesmo ser. Portanto Lima (2011) destaca que as demais divindades não são colocadas no mesmo patamar de Deus criador, mas possuem sua importância e função tanto no plano espiritual, quanto para a vida física.

Os orixás são vistos como auxiliares e forças da natureza que ajudam os seres humanos, não sendo preciso ir até Deus para essas tarefas, pois eles foram criados pelo criador justamente para essa função. Na Umbanda, existem sete linhas vibratórias, onde se é cultuado os pretos velhos, caboclos e os erês, que são as crianças. De acordo com Ortiz (1991, p. 81): “cada “linha” é composta de sete legiões, dirigidas por sete orixás principais, que não “descem”, isto é, não se manifestam no corpo dos adeptos.”

É preciso destacar que também existe a quimbanda, uma seita religiosa que cultua apenas os espíritos já desencarnados, sejam eles atrasados ou evoluídos e as entidades. A

quimbanda é uma seita que é sempre associada à magia negra, ainda que exista uma rejeição por parte de alguns umbandistas teólogos, existe a aproximação com ela, em decorrência do culto aos exus. É preciso apresentar a diferença entre o orixá Exu que é cultuado na África que veio para o Brasil e também o Exu entidade. De acordo com Serra (2001, p. 9-10):

Ao situar-se no seu universo religioso, os filhos de fé fazem ainda outro recorte, que parece ainda mais problemático. Refiro-me à oposição umbanda x quimbanda, de modo invariável traduzida como linha branca (ou linha do bem) x linha negra (ou linha do mal). Os quimbandeiros são sempre os outros: os desafetos, os estranhos... (...) Acredito que quimbandeiro e quimbanda passaram a simbolizar, numa das vertentes ideológicas constitutivas da religião umbandista, as imagens rejeitadas do negro e de sua cultura: não por acaso se relaciona a quimbanda com a magia negra e, simultaneamente, com cultos de (...) nações africanas; ou se usa como sinônimos de quimbanda e quimbandeiro os termos macumba e macumbeiro.

Quando se fala da entidade Exu que é cultuada tanto na Jurema, como na Umbanda e Quimbanda, é necessário que termos como “deuses e diabos”, ou “exército de demônios” seja evitado, embora muitos utilizem essas palavras para se referir a Exu, como é o caso de Ortiz (1991, p.125-151) que por várias vezes se refere a Exu como anjo decaído, pois isso apresenta um discurso enraizado no cristianismo e apresenta intolerância religiosa. Desse modo podemos concluir que acerca dos estudos realizados sobre Exu, existe uma variação que vai de mitos às concepções de outras religiões sobre ele, como também a observação do comportamento de Exu seja como orixá ou entidade. No geral a conclusão que todos chegam é que Exu é uma divindade que precisa ser discutida, ainda que seja difícil de compreender, indefinida e que existe a partir de uma junção de elementos de varias religiões.

Em suma quando falamos na história da Umbanda tanto no Brasil, como sua chegada especificamente no estado da Paraíba, se faz necessário citar as diversas religiões afro-brasileiras e até mesmo o catolicismo para condensar e explicar sua origem e os elementos que a constituem. A Umbanda é uma religião que abraça seus adeptos e sobreviveu, ao lado de outras religiões afro-brasileiras, a perseguição e o preconceito de uma sociedade que está alicerçada no cristianismo e no pensamento embranquecido trazido pelos colonizadores. A Jurema paraibana foi à religião que abriu o caminho para que a Umbanda chegasse na Paraíba e fosse aceita, em meio a uma época de repressão, pessoas que defendiam sua fé, foram em frente na luta para que hoje a religião continuasse viva. A luta contra o olhar preconceituoso e a discriminação na sociedade ainda continua e embora tenha avançado ainda tem muito a ser feito.

4 BREVE HISTÓRICO DA ETNOGRAFIA

O sincretismo religioso é um fenômeno que ocorre quando elementos de diferentes tradições religiosas são combinados em uma única prática ou crença. A origem exata do sincretismo religioso é difícil de determinar, uma vez que ele ocorreu em muitas culturas e em diferentes épocas ao longo da história.

A presente pesquisa dentre as entrevistas realizadas se deparou com o fenômeno de sincretismo religioso que não é algo atual, pois se observa traços seus desde os tempos mais primórdios dentre as entrevistas realizadas observou-se a nítida a questão do mesmo, como é o caso roça de Dandaluna onde é uma mistura de umbanda candomblé e jurema .

O sincretismo designa a síntese de vários elementos culturais que dialogam e interagem entre si, mas buscam conservar suas identidades distintas. O termo deriva do grego, *synkritismós* (συγκρητισμός), e foi empregado por Plutarco (46-120) para designar uma reunião das ilhas de Creta contra um adversário comum. Essa origem etimológica já sugere a ideia de união e combinação de elementos distintos para formar um todo coeso.

Nessa linha de pensamento a extensão do sincretismo pode significar uma aliança circunstancial de duas partes opostas contra um inimigo em comum. Foi nesse sentido que Erasmo (1466-1536) aplicou essa palavra à frente formada por humanistas e luteranos. A partir do século XVII, o termo passou para o vocabulário religioso e filosófico, indicando a combinação, mais ou menos coerente e harmoniosa, de doutrinas religiosas ou de correntes filosóficas.

Atualmente, sincretismo é um conceito, sobretudo utilizado em antropologia ou em sociologia da religião, principalmente para representar o contexto latino-americano, no qual o sincretismo encontrou um terreno propício para ser debatido.

Nesse sentido, a pesquisa sobre religiosidade da Umbanda e o do Candomblé, seus rituais, seu surgimento e a violência que sofrem os praticantes da fé, foi delineada a partir de motivações pessoais e acadêmicas. Um aspecto relevante da pesquisa foi verificar o processo de estigmatização da religião afro-brasileira e a visão distorcida das igrejas evangélicas em relação aos Orixás.

A pesquisa etnográfica foi desenvolvida por antropólogos nos fins do século XIX e início do século XX para investigar comunidades pequenas e culturalmente isoladas. Segundo Sousa e Barroso (2008), os estudos etnográficos, a princípio, limitavam-se a estudar a cultura de civilizações exóticas, por meio da análise dos instrumentos que elas produziam, havia pouco

interesse em conhecer a relação interpessoal, pensamento e comportamento das pessoas. Assim, os estudos etnográficos aconteciam, ainda, sem características antropológicas.

Nas palavras de Borges (2018), a pesquisa etnográfica abrange um contexto social e cultural, em que os dados são obtidos por meio da interação entre pesquisador com as pessoas e as situações pesquisadas. Assim,

A Etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (Mattos; Castro, 2011, p. 50).

Os guias (entidades) trabalham através da manipulação de elementos da natureza, como banhos de ervas, defumações, velas, pontos riscados, ponteiros, pedras, cristais, guias, patuás, fumo, etc. Essas práticas têm por finalidade a caridade, não existindo nenhuma cobrança nas consultas com as entidades incorporadas durante os trabalhos espirituais.

4.1 Umbanda e Candomblé

A diversidade religiosa africana faz parte de toda construção histórica brasileira. Congo, Angola, Nigéria e Beni foram as grandes nações que trouxeram muito da sua cultura para o Brasil. Dentro de cada nação havia uma autonomia de culto, cada lugar tinha seu próprio sacerdote que entrava em contato com os Orixás e guiavam a nação conforme suas revelações.

A religião era a forma primordial de sociabilidade e pautava a maneira de entender o mundo dos muitos povos de diferentes culturas da África. As orientações religiosas estavam presentes em todas as ações da vida, e não apenas nos momentos de celebrações de rituais. Baseado nas tradições da África Central e Ocidental, mas surgindo da confluência de diversos ritos, símbolos, mitos e crenças de outras tradições, inclusive de outras partes daquele continente, aprendidos no Brasil [...]. (Sampaio, 2001, p.6.)

As religiões de matrizes africanas são regidas pelos espíritos, tanto os ancestrais quanto os da natureza. Esses espíritos (Orixás e entidades) são responsáveis pelo equilíbrio e pela criação do mundo. Todas as religiões de origem africana têm uma relação de respeito e dependência com a natureza, pois compreendem que ela traz consigo a força da vida, o sustento da comunidade e todos os elementos para as realizações dos rituais religiosos. A Umbanda é

uma religião relativamente nova, com um pouco mais de um século de existência, surgiu da união de vários elementos oriundos de outras religiões. Segundo Nogueira (2007, p. 491.):

Umbanda herdou da macumba suas práticas mágicas e rituais africanizados; do kardecismo, a doutrina dos espíritos; do Candomblé, o panteão dos Orixás; do Xamanismo indígena, suas ervas e curas; além de ter sofrido influências orientais, ciganas, islâmicas e até mesmo das religiões holísticas da chamada Nova Era.

É notável que o marco foi a manifestação da entidade Caboclo das Setes Encruzilhadas através do médium Zélio Fernandino de Moraes, em 1908, em Niterói, criando uma identidade para a Umbanda.

Ao manifestar-se na reunião mediúnica kardecista, o Caboclo Sete Encruzilhadas criou uma nova religião onde os espíritos de negros e índios pudessem trabalhar. Zélio de Moraes foi convidado a se retirar do kardecismo e os trabalhos na Umbanda iniciaram-se na manhã seguinte em sua casa, no bairro de Neves, Niterói.

Então disse a Entidade: “Amanhã na casa do meu aparelho, na rua Floriano Peixoto, 30, será inaugurado uma Tenda Espírita de nome Nossa Senhora da Piedade, que se chamará Tenda de Umbanda, aonde o preto e o caboclo pode trabalhar”. Após a fundação dessa Tenda, foram fundadas mais seis para completar as sete pedidas pelo Caboclo. Entre elas estão a Tenda de Nossa Senhora da Guia, de Oxosse, a Tenda de Oxalá, Tenda de Ogum, Tenda de Xangô e a Tenda de Santa Barbara, entre outras.”(Cappelli, 2010, p. 347.)

Zélio de Moraes foi o percussor da fé umbandista para outros estados como Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul após ter fundado sete casas no estado do Rio de Janeiro.

Diante do seu histórico da religião, a Umbanda se estabeleceu principalmente nos subúrbios e favelas do estado. A Umbanda passou a agregar elementos discriminados socialmente que faziam parte de locais clandestinos das cidades, como o malandro das ruas e as prostitutas, que aparecem nos terreiros e nas falanges de Exus e Pomba Giras.

Para alguns historiadores a palavra Umbanda, tem origem na palavra “Embanda”, que era um termo utilizado nos tempos da escravidão designado aos sacerdotes africanos que faziam magias aos seus deuses.

A Umbanda carrega conhecimentos herdados das nações africanas, como pode ser percebido nos nomes das linhas de trabalhos dos Pretos Velhos, por exemplo (linha do Congo, Angola, Guiné, Keto, Cambinda, Conga, Mina, etc.). Como também tem suas raízes nas religiões indígenas e cristãs. Ela incorporou conhecimentos de muitas culturas diferentes, inclusive oriental, através da linha cigana que muitas vezes se manifesta nos terreiros.

A umbanda é uma religião muito flexível, pois cada terreiro ao ser fundado recebe orientações vindas de inúmeras fontes, desde sonhos, orientações de entidades, intuições, mensagens. Desta forma, é muito difícil estudar o simbolismo presente na fé, pois em alguns terreiros têm imagens de santos católicos, em outros orixás negros, podendo ocorrer o culto simultâneo das imagens, em alguns pode ter bebidas alcoólicas em outros não, uns tem atabaque, outros não. Cada terreiro, embora com liturgia semelhante, possui práticas próprias permitidas pelo mentor espiritual da casa.

Um dos aspectos mais difíceis do estudo do simbolismo religioso da Umbanda é que não se encontram dois centros que usem as mesmas imagens. Há grande variação de símbolos dentro do Rio e de estado para estado, e alguns centros simplesmente não usam símbolos. À medida que recebem inspiração em sonhos ou transe, os médiuns mudam símbolos, cantos e danças conforme o que acreditam ser a vontade dos espíritos. A flexibilidade é um valor importante para os umbandistas, porque crêem que assim podem atender a vo.” (Cappelli, 2010, p. 351 apud Karasch, 2000.)

Os atabaques na Umbanda recebem o mesmo nome que no Candomblé (Rum Rumpi e Lê), o que diferencia é que o instrumento na Umbanda é tocado com as mãos e não com o Aguidavi (baqueta feita de goiabeira). Os responsáveis por tocá-los são conhecidos como Ogãs.

O Candomblé é a religião de culto aos Orixás, embora a Umbanda tenha incorporado o culto aos Orixás também, a forma de cultuar e compreender é diferente nas duas religiões de matriz africana. Enquanto na Umbanda as consultas são feitas através de espíritos de Caboclos que vem na falange de Oxóssi (Orixá), Pretos Velhos, Baianos, Exus, por exemplo, no Candomblé as consultas são feitas por búzios, não se aceita a comunicação por espíritos.

A Umbanda incorporou os nomes iorubas das divindades, sua teogonia (conjunto da divindade de um povo), sua teofania (aparição ou revelação da divindade), sua cosmogonia (teoria da fundação do mundo) e sua androgenesia (ciência que estuda o desenvolvimento físico e moral da espécie humana), unificando todo o universo religioso umbandista. (Saraceni, 2011, p. 26.)

O Orixá, no Candomblé, é um ancestral que através dos seus feitos nesta terra foi reconhecido por toda humanidade e habita em outro plano espiritual como deuses. O culto aos orixás é a base da fé candomblecista. Cada Orixá tem seu toque específico, entoado através dos tambores Run (o maior tambor), Rumpi (o tambor médio) e lê (o menor) que são tocados com aguidavi. Em algumas casas o agogô e o xequerê também são usados como instrumento pelos Alabê (homens com função de cantar pontos específicos para cada Orixá no terreiro) para chamar os Orixás ao terreiro e através do transe entrarem em contato com os filhos de santo mediante a incorporação.

As religiões africanas caracterizavam-se, como ainda hoje, pela crença em deuses que incorporam em seus filhos. São também religiões baseadas na magia. O sacerdote, ao manipular objetos como pedras, ervas, amuletos e fazer sacrifício de animais, rezas e invocações secretas, acredita poder entrar em contato com os deuses, conhecer o futuro, curar doenças, melhorar a sorte e transformar o destino das pessoas. (Cappelli, 2010, p.331.)

O Candomblé é uma religião brasileira, assim como a Umbanda, pois não existe Candomblé na África. Nos países africanos cada lugar tinha autonomia de cultuar divindades diferentes, desta forma cada cidade possuía seu próprio Orixá.

Sendo assim, cada nação cultuava somente sua divindade principal, como, por exemplo, a cidade de Oyó que fazia culto a Xangô, a cidade de Irê que fazia culto a Ogum ou a cidade de Ketu que fazia culto a Oxóssi. Foi somente após a travessia do atlântico durante o tráfico negreiro que esses africanos de diversos lugares se encontraram e formaram uma religião que agregava os diversos deuses que estavam inicialmente separados em território africano. (Cappelli, 2010, p. 340.)

A criação do Candomblé também foi uma forma de criar laços de solidariedade entre esses negros que tiveram seus laços familiares rompidos e sua dignidade humana violada, tornando-se escravos em terras desconhecidas.

Entre os principais podemos citar: Oxalá: divindade da criação dos seres humanos; soberano que tudo comanda; Xangô: divindade dos trovões, da pedreira e da justiça; Ogum: governa o ferro, a metalurgia, a guerra. É o dono dos caminhos, da tecnologia e das oportunidades de realização pessoal; Oxossi: divindade das florestas e da caça; Omolu: divindade da transformação, da peste, da varíola e das doenças contagiosas Oxumarê: divindade serpente que controla as chuvas e o arco-íris, a fertilidade das terras e, em consequência, as boas colheitas; Exu: o grande mensageiro, responsável pelo contato entre os demais orixás e os humanos, guardião dos templos, das casas e das pessoas; Iemanjá: divindade da fertilidade e das águas salgadas; Oxum: divindade da beleza e das águas doces, dona do ouro e da vaidade; Iansã: divindade dos raios e das tempestades, dos ventos e dos relâmpagos. Soberana dos espíritos dos mortos, que encaminha para o outro mundo; Nanã: divindade guardiã do saber ancestral, uma das mais velhas, da lama teria feito os seres humanos; Ossaim: divindade das ervas e das folhas. Sem sua ciência nenhum remédio mágico funciona; Ifá: divindade conhecedora do destino dos homens, que detém o saber do oráculo, que ensina a resolver todo problema ou aflição.” (CAPPELLI, 2010, p.341).

Para se obter um cargo dentro de um terreiro de Candomblé é necessário que o filho no santo participe de todos os rituais, busque sempre conhecimento com os mais velhos da casa, pois a ancestralidade é a base da fé das religiões afro-brasileiras. Giumbele (2004, p.170) em seu trabalho “*A busca da África no Candomblé*”, traz depoimentos de candomblecistas convertidos da Umbanda:

[...] no discurso dos médiuns que “recebem” os exus e pomba giras de Umbanda e são iniciados no Candomblé, sempre transparece um conflito latente entre os espíritos – os escravos – e seus donos. Assim, ao falar de sua pomba fira (Maria Mulambo), Maria Auxiliadora de Xangô, da nação Jêje, sublinha a rebelião dos espíritos contra os Orixás e seu poder.

Esse percurso realizado por Giunbele (2004) é de grande importância para conhecer a figura de exu nas religiões afro-brasileiras no decorrer do século XX, porém existem alguns pontos a serem discutidos. Primeiro é imprescindível destacar que a Umbanda enquanto uma religião espírita possui como função a prática da caridade, isso tendo como base a doutrina dos desencarnados, buscando fazer com que caminhem para o caminho da luz. É a partir disso que os médiuns precisam fazer a incorporação dos espíritos com o objetivo de praticar a caridade com as pessoas que os procurarem buscando contribuir para uma evolução que seja sempre contínua e mútua. Já as pessoas que não pertencem às religiões afro-brasileiras são as responsáveis por procurar as mães e pais-de-santo, para a realização de trabalhos que possuem a intenção de fazer mal para outras pessoas. É nessa busca que muitos encontram oportunistas que fingem ser sacerdotes e acabam manchando a imagem das religiões afro-brasileiras. Essas pessoas além de não serem simpatizantes da religião, também não conhecem os seus princípios e buscam apenas uma prestação de serviços para a realização de trabalhos ou para obter vantagens.

Um dos traços que são característicos das religiões afro-brasileiros é o encanto e isso aflora a imaginação das pessoas que enxergam uma possibilidade para buscar novos amores, separação de casais, destruição de adversários, e trazer para o seu próprio convívio pessoas, ainda que seja contra a própria vontade. De acordo com Negrão (1994, p.119):

A demanda implica no caráter conflituoso da vida cotidiana: há inimigos, há pessoas mal intencionadas. Não é errado agir contra eles, defendendo-se contra atacando [...] Assim como o bem que se busca, a cura, a resolução de problemas diversos, deve sê-lo também. Neste clima, todos os pais-de-santo são “demandeiros” em potencial, decorrendo daí a desconfiança generalizada entre eles.”

Esse comentário de Negrão (1994) apresenta uma visão geral acerca das práticas que os pais e mães-de-santos utilizam a magia dentro da Umbanda cruzada com a religião Quimbanda com a finalidade de realizar mal para outras pessoas. É necessário relatar que essa afirmação de que todos os pais-de-santo são demandados em potencial, seria uma afirmação errônea, tendo em vista que a palavra “demanda” está atrelada ao feitiço, macumba, pragas e trabalhos maléficis, trazendo uma imagem negativa. Também é importante destacar que não se pode dizer que todos os sacerdotes das religiões afro-brasileiros realizam essas práticas, acreditar que

isso é verdade, aumenta a visão negativa dessas religiões que já são alvo de preconceito na sociedade.

Valendo pontuar que as pessoas adeptas das religiões afro-brasileiras são em sua grande maioria pessoas de classe baixa e marginalizada. A situação socioeconômica dos sacerdotes e sacerdotisas são a mesma dos fiéis, e o preconceito enfrentado é vasto, tendo em vista que são pessoas analfabetas, negros, homossexuais, o que revela o preconceito social que as religiões afro-brasileiras sofrem e isso contribui para que a religião seja transformada em um mercado religioso. Sendo assim, sabemos que os praticantes da religião Umbanda buscam em Exu a força para atingir os seus objetivos e é por esse mesmo motivo que a imagem de Exu está cada vez mais associada ao diabo, sendo sempre temida pelos cristãos. De acordo com Lima (2011, p. 85) Oliveira afirma que:

[...] Não há existência sem Exu porque não há existência sem uma forma cultural que lhe dê sentido. Exu dá sentido ao interligar todos os seres. Os seres são porque são interligados. Exu está mais para significante do que para significado. Ele, em última análise, é o signo de referência que dá sentido aos outros signos. Mas não é um signo despota que se comporta como equivalente único de significação nem como modelo único da realidade. Exu é em si mesmo múltiplo. Possui-o não uma regra, mas o mistério _ que detona com a regra; possui múltiplas funções [...]. Exu é muitos, por isso pode inventar novas regras e preservar outras. Pode como o real, ser criativo, devastador, imperativo, compreensivo e até mesmo violento. [...] Na cosmovisão africana a mudança é para a inclusão e não para a exclusão. Está excluindo aquele que não aceita e não vive a regra comunitária que, tem em Exu, a possibilidade para a sua criação. Ou seja, exclui-se aquele que quer excluir outrem. Exu é outrem. É a própria personificação da auteridade [...].

Desse modo podemos observar que a opinião sobre Exu que Oliveira possui além de ampla e bastante complexa, sendo uma visão de objeto de estudo de pesquisadores acerca dos orixás. Outro ponto a ser visto é que o Exu que é conhecido pelo povo africano, trazido pelos negros para o Brasil, sempre temido e cultuado, é uma divindade mítica. Sobre quem é Exu, a ele está atribuída a criatividade e não ao ser supremo ou criador e a saudação utilizada a Exu é “Laroyê” ou “Mojubá”. Carneiro (1977, p. 68) afirma que: “Ora, Exu não é um orixá, é um criado dos orixás e um intermediário entre os homens e os orixás. Se desejamos alguma coisa de Xangô, por exemplo, devemos despachar Exu, para que, com sua influência, a consiga mais facilmente para nós.” Assim sendo, as visões aqui apresentadas por Valente (1976), Negrão (1994) e Carneiro (1977) sobre Exu, mostram concepções diversas seja por religiosos, pesquisadores ou pessoas comuns e acarretam discussões que precisam ser analisadas. A questão é que um ponto em comum entre eles é o fato de concluírem que Exu não é um orixá e

que sua personalidade está sempre associada ao que é mal. É exatamente pela falta de pesquisadores adeptos de religiões afro-brasileiras que existe esse aumento de ideias.

Diante disso observamos que a situação do Candomblé e umbanda na Bahia, não apresenta diferenças dos terreiros de Umbanda e da Jurema roça de dandaluna no estado paraibano e nas demais regiões do país, estando até hoje em sua grande maioria, dentro das periferias das cidades, e isso diz muito sobre o olhar que a sociedade, principalmente o das pessoas de classes sociais mais elevadas, tem acerca das práticas religiosas afro em nosso país, deixando evidente o preconceito e a discriminação com o que difere das religiões cristãs no Brasil.

É preciso frisar que Mãe Sandra e os demais Pais-de-Santo são nomes que significam resistência e luta dentro desse processo de crescimento dentro das cidades. Desde o período Colonial (1500-1822) que a proibição forçada pelo Estado às religiões afro-brasileiras existia e perdurou até o período republicano.

Especificando o estado da Paraíba, Lima (2011) enfatiza que os Juremeiros e também os Umbandistas, ainda que estes, por um período de tempo menor, que sofreram com a perseguição aos cultos da sua religião. Foi no ano de 1941, no qual ocorreu o I Congresso Nacional de Umbanda no Rio de Janeiro, que começaram a surgir às primeiras federações da Umbanda, ainda que o processo de aceitação e respeito para com as religiões afro tenha sido e ainda seja longo, esse foi o primeiro passo para que começasse a existir liberdade e um olhar menos preconceituoso para com as religiões que se diferem do que é considerado “normal” dentro de uma sociedade influenciada pelos ensinamentos da colonização. Porém é necessário lembrar que a perseguição e o preconceito permaneceram presentes.

Os adeptos da Umbanda compreendem que na religião o Exu não é cultuado no altar sagrado, pois ele é chamado de “povo da rua” e não é um orixá. Tendo em vista que o mês de agosto é conhecido como um mês de desgraças e desgosto, onde coisas ruins estão mais propensas a acontecer, a “diabolização” de Exu ganha mais força ainda no meio cristão, aumentando a imagem negativa de Exu como uma entidade que promove o mal. Essa difusão da imagem de Exu como diabo também ganhou força pela existência de estátuas com caudas e chifres e sempre pintadas de vermelho com a capa preta e isso pode ser explicado como uma interpretação equivocada que os cristãos possuem acerca das imagens dos exus na África, nas imagens cultuadas na verdade não são chifres, mas antenas que apresentam uma ligação entre os pólos da terra e Exu. De acordo com Serra (2001, p. 9-10):

Ao situar-se no seu universo religioso, os filhos de fé fazem ainda outro recorte, que parece ainda mais problemático. Refiro-me à oposição umbanda x quimbanda, de modo invariável traduzida como linha branca (ou linha do bem) x linha negra (ou linha do mal). Os quimbandeiros são sempre os outros: os desafetos, os estranhos... (...) Acredito que quimbandeiro e quimbanda passaram a simbolizar, numa das vertentes ideológicas constitutivas da religião umbandista, as imagens rejeitadas do negro e de sua cultura: não por acaso se relaciona a quimbanda com a magia negra e, simultaneamente, com cultos de (...) nações africanas; ou se usa como sinônimos de quimbanda e quimbandeiro os termos macumba e macumbeiro.

Quando se fala da entidade Exu que é cultuada tanto na Jurema, como na Umbanda e Quimbanda é necessário que termos como “deuses e diabos”, ou “exército de demônios” seja evitado, embora muitos utilizem essas palavras para se referir a Exu, como é o caso de Ortiz (1991, p.125-151) que por várias vezes se refere a Exu como anjo decaído, pois isso apresenta um discurso enraizado no cristianismo e apresenta intolerância religiosa. Desse modo podemos concluir que acerca dos estudos realizados sobre Exu, existe uma variação que vai de mitos às concepções de outras religiões sobre ele, como também a observação do comportamento de Exu seja como orixá ou entidade. No geral, a conclusão a que todos chegam é que Exu é uma divindade que precisa ser discutida, ainda que seja difícil de compreender, indefinida e que existe a partir de uma junção de elementos de várias religiões.

4.2 Um gira na Umbanda: a pesquisa de campo e os dados etnográficos

De acordo com Brandão (1985) uma pesquisa de campo consiste basicamente em um trabalho etnográfico, onde o pesquisador conhece e participa de práticas de outras etnias ou religiões em busca de novos conhecimentos que possam agregar e fortalecer suas pesquisas. Nesta sessão, apresentaremos relatos e dados da pesquisa de campo, que buscou trazer traços a partir da percepção de uma pesquisadora sobre a Umbanda e seu sincretismo religioso no Cariri paraibano, mais precisamente na cidade de Sumé.

Como sabemos a Umbanda é uma religião que surgiu no Rio de Janeiro a partir do médium Zélio de Moraes, desse momento em diante a religião foi se disseminando pelas várias regiões do Brasil e a partir desse ponto ganhando características e se modificando ao longo do tempo. Ao chegar à Paraíba, sofreu várias discriminações e até era considerada ilícita, porém graças a pessoas como Mãe Marinalva essa religião sobreviveu dentro do território paraibano e

decorrente desse fato foi ganhando notoriedade e até mesmo tendo relações com outras religiões, como é o caso da Jurema.³ Segundo Saraceni,

A Umbanda é uma religião espírita e espiritualista. Espírita porque está em parte, fundamentada na manifestação dos espíritos guias. E espiritualista porque incorporou conceitos e práticas espiritualistas (referentes ao mundo espiritual), tais como magias espirituais e religiosas, cultos aos ancestrais divinos, cultos religiosos aos espíritos superiores da natureza, culto aos espíritos elevados ou ascencionados e que retornam como guias-chefes, para auxiliar a evolução das pessoas que frequentamos templos de Umbanda”. (Saraceni 2011, p.29.)

A mediunidade de incorporação é a pedra fundamental dos ritos da umbanda, assim como sua crença em um Deus único, onde os Orixás são espíritos de luz vindos de Deus que incorporam nos médiuns e trazem para dentro do terreiro suas falanges. Valendo ressaltar que entre as várias manifestações religiosas e culturais presentes no estado da Paraíba, o culto a Jurema sagrada, também conhecida por catimbó, reconhecida como uma religião indígena, mas que possui influências dos cultos cristãos e afro-brasileiros é parte do campo religioso afro-indígena-brasileiro de nosso estado junto com a Umbanda e o Candomblé. É preciso lembrar que a jurema é uma árvore pertencente ao agreste e a caatinga e sua casca é retirada e utilizada para produzir uma bebida “mágica”, responsável por trazer sabedoria, força e o contato entre o ser humano e seres que pertencem a outro plano espiritual. É a partir disso que a árvore jurema tornou-se também um objeto de experiência religiosa com o mesmo nome.

Sendo assim, no decorrer do tempo, a Jurema começou a trazer para seus rituais influências que contribuíram para que não existisse um padrão ritualístico longo. Diante disso, podemos definir como adeptos da Jurema, todos aqueles que se reúnem em casas ou terreiros para ingerir a bebida mágica produzida pela casca da árvore, sendo também utilizado o cigarro, com o principal objetivo de estabelecer contato com o mundo espiritual. Os cultos da Jurema contam com mestres que lideram a cerimônia e são responsáveis por incorporar os espíritos, aconselhando e curando as pessoas que participam desse momento. A jurema é vista como uma árvore poderosa, sendo responsável por uma ligação com o que chamam de “reino dos encantados”. Segundo Bastide (1945) a mitologia acredita que a árvore jurema ganhou poderes após Maria esconder Jesus Cristo embaixo dela, quando ele fugia para o Egito e por isso a árvore possui poderes diversos, pois foram atribuídos pelo salvador.

Portanto, quando falamos na história da Umbanda tanto no Brasil, como sua chegada especificamente no estado da Paraíba, se faz necessário citar as diversas religiões afro-

³O culto à Jurema mistura elementos afro-ameríndios e é mais difundido no nordeste do Brasil.

brasileiras e até mesmo o catolicismo para condensar e explicar sua origem e os elementos que a constituem.

A Umbanda é uma religião que abraça seus adeptos e sobreviveu ao lado de outras religiões afro-brasileiras, a perseguição e o preconceito de uma sociedade que está alicerçada no cristianismo e no pensamento embranquecido trazido pelos colonizadores.

A Jurema paraibana foi à religião que abriu o caminho para que a Umbanda chegasse na Paraíba e fosse aceita, em meio a uma época de repressão, pessoas que defendem sua fé, foram em frente na luta para que hoje a religião continuasse viva. A luta contra o olhar preconceituoso e a discriminação na sociedade ainda continua e embora tenha avançado ainda tem muito a ser feito.

4.3 Terreiro Senhor do Bonfim

Na minha pesquisa de campo tive a honra de conhecer pai Inácio que é o fundador do Terreiro Senhor do Bonfim, localizado na cidade de Sumé-PB, para ser exata não planejava conhecer esse terreiro, na realidade buscava conhecer e fundamentar minha pesquisa na casa Dandalunda que se coloca como sendo um Candomblé de Angola, visto que de acordo com o que me foi repassado esta casa propaga o sincretismo religioso de Umbanda, Candomblé e Jurema, ou seja, uma casa mais próxima da umbanda de nagô.

Voltando ao terreiro Senhor do Bonfim, não poderia deixar de lado a oportunidade de conhecer a realidade e o sincretismo que se encontrava na casa. Tive a honra de ser convidada por uma vizinha que frequentava aquele terreiro, então, primeiramente busquei ter contato a partir de uma conversa via celular (chamada de voz) com pai Inácio e explicar minha ida ao terreiro, a partir da conversa marquei o dia e horário para poder formalizar com ele e deixar claro o que pretendia com a pesquisa.

Como já mencionado anteriormente a minha primeira visita a este terreiro foi para conhecer Pai Inácio e saber se o mesmo estaria disposto a colaborar com a minha pesquisa, ao chegar ao local encontrei muita receptividade e pude perceber o quanto era desejado que mais pesquisas como a minha fossem realizadas, para que a religião ganhasse mais notoriedade de forma positiva. Ao conversar com Pai Inácio, pude ver o quanto ele demonstrou interesse pela pesquisa e concordou em participar, frisando que essa pesquisa seria de grande valia para que mais pessoas conhecessem sobre a religião e que certos tabus e preconceitos fossem quebrados. Na ocasião me levou para conhecer todo o terreiro e explicar mais sobre cada orixá e entidades que estavam em seu terreiro. Fui também convidada para que naquele mesmo dia participasse

de um trabalho que seria realizado, tratava-se da retirada de um Egum (espírito que já havia falecido) que estava junto a um rapaz.

Fotografia 2 - Terreiro Senhor do Bonfim/Sumé-Paraíba



Fonte: Acervo da autora

Antes da realização deste trabalho, Pai Inácio perguntou se poderia jogar os búzios para mim, claro que permiti. Na ocasião, Pai Inácio ao jogar os búzios falou sobre meus orixás de cabeça que são Iansã, Oxum e Xangô, falou também sobre coisas que já aconteceram no meu passado e coisas que ainda estavam por vir, não irei aqui mencionar, visto que, é algo pessoal. Com relação a retirada de Egum, infelizmente não pude tirar fotos do ritual, pois o rapaz de quem seria tirado o Egum não permitiu. Irei aqui descrever como tudo aconteceu, de acordo com minha percepção.

Primeiramente, em pratos de barro foram colocados alimentos provenientes da terra, como milho, batata, jerimum, arroz, três tipos de feijão diferente e farinha. Esses pratos

formavam um círculo em torno do rapaz que estava sentado no centro do círculo com uma panela de barro e uma pá de madeira. Ao lado do círculo estavam sete velas brancas acesas.

Ao iniciar o trabalho pai Inácio fez toda uma sacrametação próximo ao jovem e logo em seguida pede para que o mesmo levante-se, após isso, pede que o rapaz fique mais próximo da panela de barro, e começa proferir as palavras do ritual enquanto sua filha de santo pega cada prato e o entrega, cada alimento foi passado no corpo do rapaz e posteriormente, foi trazida uma galinha onde foi feito o sacrifício da mesma e após isso todas as velas foram apagadas e quebradas, assim como os alimentos e o animal sacrificado tudo foi colocado na panela de barro e o rapaz levado para tomar um banho e com a recomendação que a roupa ao qual foi usada durante o ritual fosse jogada fora.

Ainda no local onde foi realizado o ritual, Pai Inácio pergunta se sei para onde aquela panela iria, então respondi que não, foi aí que ele disse : quando Jesus Cristo expulsou os espíritos do endemoniado gadareno, os espíritos que estavam junto aquele homem foram para uma manada de porcos, então essa panela de barro também vai para os porcos.

Essa passagem bíblica citada por pai Inácio conta que Jesus retira do corpo de um homem um “espírito imundo” transferindo-o para uma manada de porcos onde O gadareno vivia nos sepulcros, que eram cavernas. Ali não era lugar para pessoas vivas, mas o Diabo o levou para lá. Nisso percebemos o seu propósito de roubar, matar e destruir (João 10.10). A vida daquele homem estava encerrada, perdida. Estava separado da família, dos amigos e da sociedade. Era um morto-vivo morando no cemitério, sem esperança e sem perspectiva. Assim como Deus tem um plano para o ser humano, Satanás também tem, e aquele homem atingira um estágio avançado da execução dos desígnios diabólicos. Quem não segue a Cristo está caminhando com o inimigo rumo à perdição eterna. Ainda que não esteja possesso, está influenciado e dominado pelo mal, podendo chegar a situações muito piores.

Depois da libertação, o gadareno parecia outro homem. Foi encontrado assentado, vestido e em perfeito juízo (Mc.5.15). A conversão é o início de uma nova vida, com equilíbrio, sossego, descanso, paz, dignidade, ordem e decência. Além de ter sido liberto, aquele homem foi salvo (Lc.8.36)

Sendo assim pai Inácio ao comparar o ritual realizado com o jovem com que aconteceu com o gadareno indica um recomeço para uma nova vida pautada na obediência de suas escolhas onde o homem dentro da sua totalidade possui poder de escolha e de decisão e cabe ao mesmo lidar com as consequências oriundas das mesmas , Vale ressaltar que muitos

ficaram indignados contra ele por causa da morte dos porcos. Portanto, aquele homem não tinha valor algum para o seu povo. Os porcos eram considerados mais importantes. A perda financeira foi mais sentida do que o ganho humano e espiritual. O materialismo dominava aquela gente. Encontraram Cristo, mas não foram salvos. Resolveram expulsá-lo daquela cidade.

É notório como o ser humano por sua vez possui a capacidade de ser tão individualista e isso sempre foi notório ao longo da história, uma vez que Jesus expulsou os demônios que atormentavam um homem e em vez de ficarem gratos e felizes de terem empatia pelo seu semelhante, buscaram expulsá-lo do lugar como represália a sua ação.

4.4 Roça de Dandalunda

Como já mencionado, idealizei que meu campo de pesquisa seria na roça de Dandaluna, porém, tive outra oportunidade antes de poder formalizar junto com a mãe pequena da casa de Dandalunda a minha ida até o local, que foi conhecer o Terreiro Senhor do Bonfim. Para que pudesse entrar em contato com a mãe pequena da Casa, que se chama Sandra, tive primeiro que entrar em contato com Iago que é um dos filhos de santos mais antigos da casa, ele foi muito educado e me falou que dentro da cidade a casa de Dandalunda possuía uma proximidade muito grande com o Candomblé de Nagô e com a Jurema, deixando claro o sincretismo religioso que ali existia, foi aí que me passou o contato de Mãe Sandra de Oyá.

Entrei imediatamente em contato com Mãe Sandra e pude perceber o quanto aquela pesquisa também tinha um significado importante para ela, visto que, com o trabalho muitas coisas iriam ser desmistificadas, fazendo com que a religião ganhasse mais notoriedade dentro da cidade e que tabus pudessem ser quebrados. Como nosso primeiro contato foi via celular (WhatsApp) fiquei de entrar em contato novamente com ela para poder marcar uma data onde pudéssemos conversar pessoalmente.

Consegui marcar a entrevista com a Mãe Sandra de Oyá no dia 08/08/2024, na ocasião não imaginava encontrar Mãe Jo, tendo em vista que a mesma estava em São Paulo no seu outro terreiro. Ao chegar ao local fui muito bem recepcionada pelas duas mães, que frisaram em sua fala a importância do trabalho.





Deixaram claro que a UFCG, através do professor e Dr. Wallace Ferreira Gomes de Souza possuía um papel significativo na defesa pelos direitos dos adeptos do Candomblé, da Umbanda e Jurema, assim sendo, do sincretismo religioso que as religiões de origem afro-brasileiras possuíam no território paraibano.

Deixaram claro também que através do professor Wallace o Barracão Roça de Dandaluna conseguiu se inserir em diversas participações na universidade e até mesmo em outras cidades, mas deixam claro também a indignação de não possuírem a mesma notoriedade de religiões como o catolicismo e as religiões evangélicas que conseguem ir à praça pública pregarem aquilo que acreditam, com isso, mencionaram a falta de compromisso por parte de entidades públicas a respeito do assunto.

Elas mencionaram que sofreram algumas intolerâncias religiosas por membros de outras religiões e ao mesmo tempo apesar de aquele fato ser algo inadmissível deixaram claro que aquilo não era motivo para que se abalasse ou modificasse sua fé. Na realidade, quem antes criticava, agora busca estar presente no terreiro e firmar sua fé.

Mãe Sandra contou uma experiência vivida onde ela sentiu na pele a intolerância religiosa conta que “certa vez se candidatou ao cargo político no dia que a gente foi tirar as fotos e um rapaz chegou e disse assim: seus slogan vai ser Sandra por uma macumba melhor? E eu disse: se eu tivesse escolhido esse com certeza seria e ele continuou : mas ai e quanto é a macumba? E o candidato a prefeito na época disse assim: você está discriminando ela ? Sabe que isso dá cadeia? Então falei: Relaxe são pessoas ignorantes. Uma vez a gente estava aqui fazendo uma obrigação para o santo aí uma pessoa que não gostava da religião lá de longe jogou uma pedra e quase que acertava a cabeça do ogã que estava fazendo o trabalho com a gente e a gente moveu céus e terra para tentar descobrir, mais ficou no anonimato, mais assim, aquele anonimato entre aspas porque a gente sabia mais não tinha como provar que era aquela pessoa.

A partir do surgimento, as religiões afro-brasileiras foram alvos de ataques das mais diversas formas, tiveram seus cultos perseguidos, suas práticas religiosas criminalizadas, reflexos de um regime escravocrata que ainda persiste nos tempos atuais. Um histórico de luta pela existência, está, marcada por preconceitos e discriminações, a não aceitação do diferente, da cultura negra africana. Tudo isso configura intolerância, a não prática da tolerância, que significa a convivência com comportamentos, ideias e discursos diferentes e requer que alguns princípios de convivência sejam respeitados (Sanz, 2012).

Segundo Fernandes (2017) a intolerância religiosa pode ser entendida como uma prática marcada pelo não reconhecimento da veracidade de outras religiões, assim está relacionada com “a incapacidade dos indivíduos em compreender crenças diferentes das suas, e nos casos concretos de manifestações de intolerância no campo prático” (Fernandes, 2017, p. 124). É com o entendimento deste conceito atribuído ao fenômeno, que se busca apresentar formas e casos de intolerância religiosa a qual o segmento das religiões afro-brasileiras sofreram e sofrem na sociedade moderna.

Os preconceitos e ações contra esse grupo, o de praticantes das religiões afro, em todos os países americanos em que essas religiões são praticadas, tem a ver com a formação da estrutura estatal sob a colonial modernidade, visto que, para o colonizador, evangelizar as populações submetidas (indígenas e africanos escravizados) era parte fundamental da empreitada colonial (Fernandes, 2017, p. 118).

Diante disso por um longo período de tempo as práticas religiosas de matriz africana, que são um misto de elementos complexos, envolvendo magia, culto a divindades, rituais, e uso alternativos para a cura, sem citar outros vários aspectos, fez com que a sua existência fosse repleta de estigmas, muitos institucionalizados, como visto. Na atualidade as discriminações continuam, mas sobre uma nova roupagem, e amplamente percebida nos vários espaços, sejam eles públicos ou privados.

Valendo enfatizar que com a expansão dessas religiões a partir da segunda metade do século XX tem-se também o aumento das ações discriminatórias, vistas principalmente sobre as formas de discursos de ódios, agressões físicas aos praticantes, destruição de templos de cultos, causando impactos sobre a vida dos indivíduos, que apesar de terem garantidos a liberdade de crença e exercício de culto pela constituição federal de 1988, continuam tendo suas vidas atingidas por esse fenômeno.

Mesmo diante de intolerância religiosa sofrida, busca na caridade fazer a diferença deixando claro que o princípio da casa era ajudar a quem precisava, sendo estes filhos de santo ou não. Naquela casa o princípio de caridade e amor ao próximo prevalecia, mãe Sandra indagou que mesmo tendo algum problema com alguém na rua e esse alguém viesse ao terreiro seria bem recebido e o que pudesse ser feito para que ele saísse bem do local seria feito, afinal de contas o que acontecia fora do terreiro não tinha nada haver com as atividades prevalentes dentro da casa.

Segundo Silva (2009) a caridade dentro da Umbanda é algo praticado visando ajudar o outro através do serviço mediúnico, sendo algo que traz benefícios para os aflitos e também para o médium que realiza a purificação daqueles que estão precisando.

Dessa maneira percebemos que na Umbanda a caridade é mais valiosa que bens materiais, pois propicia uma proteção para aquele que está ajudando a vida de outros indivíduos, isso mostra uma relação de fazer o bem atrai o bem para aquele que o faz, destacando o auxílio que é dado na Umbanda a qualquer pessoa, independente de sua raça, cor, gênero, posição social ou orientação sexual. A caridade é o principal princípio dentro da Umbanda e as consultas realizadas nos centros da Umbanda nunca foram cobradas, porém, em alguns casos, passou a ser necessário a cobrança, tendo em vista a necessidade de manter os templos e também ajudar os pais e mães-de-santo, que sempre foram excluídos na nossa sociedade.

Também foi falado sobre o número de filhos de santos, mãe Sandra respondeu que tem em média um grupo de sessenta filhos, e destaca que: quem mais nos procura atualmente são os jovens, então vem àquela responsabilidade porque eles são menores de idade, muitas vezes eu sou tida como a chata, muitos filhos menores me procuram querendo entrar na gira então vem àquela responsabilidade isso porque, preocupam-se com a seriedade da casa e que em nenhum momento deixariam menores de idade incorporar fazendo uso de bebidas alcoólicas, por isso, utilizavam a água de coco substituindo o álcool.

Ela relata que teve um episódio que quase enfrentou problemas com a polícia pois uma mãe de uma jovem pelo fato de achar que ela estava ingerindo bebida alcoólica mas como anteriormente citado isso não ocorre. é interessante a mãe preocupada com a família por que estava frequentando, porém antes a filha estava nas ruas sendo influenciada nas ruas a usar drogas a menina estava sem direção e aqui conseguiu se reencontrar novamente.

Nessa linha de pensamento estima-se que um total de 246 milhões de pessoas, um pouco mais que 5% da população mundial com idade entre 15 e 64 anos tenham feito uso de drogas ilícitas em 2013 (Silva, 2012). Ainda pode-se destacar que a utilização de drogas psicoativas tem sido um fator colaborador para o aumento da taxa de mortalidade geral, uma vez que os números estimavam um total de 187.100 mortes de 2013 até 2015 relacionadas ao consumo abusivo de drogas psicoativas (Silva, 2012; Sepredeg, 2014). Esses fatos colaboraram para que o uso de drogas psicoativas de maneira abusiva fosse encarado como um problema de saúde pública.

Assim o candomblé e umbanda essas religiões, apesar de utilizarem o álcool (uma substância psicoativa) e o cigarro como elementos que compõem o sagrado, é sabido pelos fiéis

da religião que estes são utilizados apenas como elemento para obter força e energia para aplicá-los nas condições de seus trabalhos religiosos, no bem e na caridade (Rocha, 2019). Assim, tanto na umbanda quanto no candomblé existem tratamentos espirituais para auxiliar seus fiéis a se afastarem do consumo de drogas psicoativas (Barbosa, 2021).

Nesse sentido, quando questionadas mãe Jô e mãe Sandra quanto aceitação da sua religiosidade elas se mostraram bem contentes onde aceitação cada dia que passa está sendo maior e por sua vez as mesmas disseram que estão conseguindo ajudar mais pessoas que para ela e o que importa fazer o bem, entretanto ainda existir intolerância, a situação do candomblé no Brasil melhorou um pouco, segundo a Mãe Jô. Ela acredita que a liberdade para professar a religião e tocar o candomblé é resultado de muita luta.

Contudo o maior desejo de mãe Sandra e mãe Jô é que a população aceite e respeite a religiosidade de ambas e que por sua vez valorize a diversidade presente em nosso país aonde venha prevalecer à igualdade. Na fala de mãe Sandra ela enfatiza que porque como uma praça é aberta para um evangélico que vai pregar, de um grupo de jovens da igreja católica, ser aberto à gente, no caso, abrir os espaços públicos para que direitos sejam iguais.

Diante dos aspectos apresentados as religiões afro-brasileiras ainda constituem a minoria em quantidade de fiéis e muitas vezes se mantêm na invisibilidade por se protegem da “cultura de ódio” fomentada por seguimentos religiosos que apoiam a destruição de casas de santo e o exorcismo de seus frequentadores. Essa invisibilidade acaba dificultando a formação de um coletivo que lute para garantir direitos e a ampliação da cidadania. Pois mesmo que a Constituição Federal de 1988 declare a liberdade religiosa como direito fundamental a todos, ainda é notório o forte preconceito e a intolerância com a cultura de origem africana.

Nessa perspectiva foi de grande valia realizar essas entrevistas, a princípio não vou negar que senti um misto de sentimentos ao entrar no terreiro como curiosidade, mas no desenrolar da entrevista pode compreender que cada um é livre para realizar suas escolhas e quando compreendemos podemos aumentar a compreensão das crenças individuais e romper as barreiras do preconceito. Portanto a tolerância religiosa envolve ação, participação e respeito mútuo às diferenças, pois ser diferente é uma característica singular do ser humano. Meu desejo era participar de mais festas que contemplassem a umbanda e o candomblé como também a jurema, porém infelizmente não foi possível por problemas de saúde, mais mesmo assim foi uma experiência única onde pude conhecer mais sobre a diversidade religiosa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como citado no início desse trabalho, o principal objetivo era visibilizar a verdadeira doutrina da religião Umbanda, fazendo um percurso histórico que apresentasse sua história desde o início até os dias atuais. Conhecer a Umbanda através de pesquisas sérias e também conversando com quem está à frente dos terreiros da religião, contribuíram de forma significativa para que meu olhar fosse aberto e assim, compreendesse a essência não apenas da Umbanda, mas das religiões afro-brasileiras no geral.

Em um país cuja maioria da população se considera cristã, e pertencendo a uma região do interior do estado da Paraíba, no qual a fé no cristianismo é uma marca enraizada, a intolerância religiosa e a interpretação errada acerca das religiões de matriz africana, fazem parte da maioria da população que, por causa de ensinamentos cristãos, acreditam que a Umbanda é uma religião voltada para a adoração ao diabo e a realização de trabalhos, com o objetivo de prejudicar a vida de outras pessoas. Muito se fala sobre a religião, sem ao menos ter visitado um terreiro ou conversado com alguém que realmente entende sobre o assunto.

A Umbanda tem como base a caridade, o amor ao próximo e o acolhimento do ser humano, independente de sua cor, raça ou orientação sexual, porém, poucas pessoas que pertencem a outras crenças, sabem disso. É por esse motivo que trabalhos como esse, colaboram para uma visibilidade maior da religião, levando as claras, o conhecimento acerca do que é pregado e realizado pela Umbanda, desmistificando a ideia errada que foi construída com base em ensinamentos que se preocupam apenas com a disseminação da intolerância e do preconceito.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **Teologia de Umbanda e suas dimensões**. São Paulo: Anúbis, 2016.

BASTIDE, Roger. **Imagens do Nordeste místico em branco e preto**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.

BROWN, Diana. 1985. **“Uma história da Umbanda no Rio”**. In: ISER (org). **Umbanda e Política**.

Rio de Janeiro, Iser-Marco Zero.

BORGES, L. P. C. **O futuro da escola: uma Etnografia sobre a relação dos jovens com o conhecimento escolar**. 2018. 151 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018.

CAPPELLI, Rogério. **Religiões de Matriz Africana**. Niterói- RJ: Caderno PENESB – **Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira** – Faculdade de Educação – UFF, n.12, 2010

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. 5ª Ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, 1977.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2015.

Evangelho de Umbanda. **Fraternidade Eclética Espiritualista Universal**, 2ª Ed, Rio de Janeiro 1954.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GIUMBELLI, Emerson; CARNEIRO, Sandra de Sá (Org.). **O ensino religioso no Estado do Rio de Janeiro: registros e controvérsias**. Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, v. 23, nº. 60, 2004.

LIMA, Valdir. **Cultos afro-brasileiros na paraíba: uma história em construção (1940-2010)**. Orientador: Prof. Dr. Severino Celestino da Silva. 2011. Dissertação (mestrado) – Curso de Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada: A formação do campo umbandista em São Paulo.** São Paulo, Edusp, 1996.

NOGUEIRA, Léo. **Do Negro ao Branco: Breve História do Nascimento da Umbanda.** Goiânia: Caminhos, 2007.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira.** Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das macumbas à umbanda: a construção de uma religião brasileira (1908- 1941).** Rio de Janeiro, Mimeo, 2003.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes.** Petrópolis, Vozes, 1978.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro.** 2ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PARÉS, Louis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia.** 2ª Ed. rev. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2007.

PIMENTEL, Pedro Guimarães. **A sacralização do malandro,** 2010. Monografia (Bacharelado em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo: A velha magia na metrópole nova.** São Paulo, Hucitec, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião.** Revista da USP. São Paulo, n. 46, p. 52-65, 2000.

REIS, João J. **Magia Jeje na Bahia: a invasão do Calundu do Pasto da Cachoeira 1785.** Revista Brasileira de História. V.8, n.16:65, p. 55-87, 1988.

SAMPAIO, Gabriela. **A História do Feiticeiro Juca Rosa: Matrizes Culturais da África Subsariana em Rituais Religiosos Brasileiros do Século XIX.** São Paulos: Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SARACENI, Rubens. **Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada.** Editora Mandras. Rio de Janeiro, 2011.

SOUSA, L. B.; BARROSO, M. G. T. **Pesquisa etnográfica: evolução e contribuição para a enfermagem.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, v. 12, n. 1, p. 150-155, mar., 2008.

SERRA, Ordep. **No caminho de Aruanda: A umbanda candanga revisitada.** In: Revista AfroÁsia. Nº 25-26. Salvador: UFBA, 2001. (P. 215-256).

SILVA, Francisco Ferreira da. **Um olhar pedagógico sobre o cuidar do humano no contexto umbandista.** Dissertação – PPG em Ciências das Religiões. CE – UFPB. João Pessoa. 2009.

VALENTE, Valdemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro.** 3ª Edição, São Paulo, Nacional, 1976.

APÊNDICES

Questionário:

1. Há quanto tempo a senhora tem o candomblé como religião?
2. Quais as maiores dificuldades enfrentadas por pertencer a uma religião afro-brasileira?
3. A senhora já sofreu intolerância religiosa? Caso a resposta seja positiva, poderia relatar uma experiência vivida pela senhora?
4. Sua família era adepta ao candomblé? Como foi a aceitação familiar ao saber sobre sua escolha religiosa?
5. Aqui na Paraíba a Jurema era conhecida antes da chegada do Candomblé. A senhora chegou a se aprofundar nessa religião ou a praticar algum rito?
6. Para a senhora quais os maiores ensinamentos que as religiões afro-brasileiras trazem para a nossa sociedade?
7. Como à senhora enxerga a aceitação do Candomblé pela população paraibana? Ainda é enxergada com maus olhos?
8. Como mãe de santo e representante de uma religião que é vista com olhares preconceituosos, quais mudanças a senhora acreditam que precisam acontecer?